



- de grande rareté

- P. 11

[Roxburg 12, p. 21: very rare
first edition]

[MODRUS 12, p. 10]



John Carter Brown
Library
Brown University

CARTA
DE
MAREAR.

DELINEADA

Pelo Reverendo Padre Mestre

FREY ANTONIO
DO ROSARIO.

Filho da Capucha de Santo Antonio do Brasil;
Missionario no dito Estado, &c.

DIRIGIDA-AO SENHOR

D. FRAN^{CO}. DE SOUSA

Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleyre
professo, & Comendador da ordem de Christo,
& Coronel da Cavallaria de Pernambuco.



LISBOA.

Na Offic. de FELIPPE DE SOUSA VILLELA.

Anno de M. DCCXVII.

Com todas as licenças necessarias.

RF1CB

SENHOR.



ESTA Carta de Marear tem demarcado o esclarecido nome de V. M. pelo melhor roteyro da sua direcção. Se a nobreza para com os homens he prenda de summo respeyto; onde melhor se podiã fundar as linhas desta Carta os seus felices auspícios, do que na Illustrissima linha dos Sousa, ou Sousaens de Portugal, de q̃ V. M. he garfo, ou ramo bem conhecido? E mais quando esta nobreza não sò pela purpura de q̃ procede, mas pelas proprias acções dedica sem controversia à benemerita pessoa de V. M. o título de Principe, com a veneração de pio, e respeyto de heroyco: sendo a menor prova deste Panegirico a cõtenda da graça com a natureza nos augmentos da fortuna. A estampa desta Carta, por ser hum publico beneficio, serã perpetua estatua, e eterno

Gibelisco; em que posteridade advertir, a ser
V. M. o primeiro filho do Brazil, q̃ cō o novo
meçonado desta obra, soube V. M. immorta-
lizar o nome, acreditar os ascēdentes dādo
exemplos tão singulares ao Senhor D. Joāo
de Sousa, dignissima flor do melhor prado
da Europa O Autor a carta, pela porta
q̃ por esta se lhe abre fica obrigado a buscar a
mesma casa com a venteados escritos, por
muytos & felices annos, que Deos guarde
a vossa mercè. Do Cōvêto de São Antonio
de Poruca 9. de Hevereyro 1697.

Fr. Antonio do Rosario.

LEY.

LEYTOR.



OBORRAÕ desta Carta
foy parto da missaõ que
fiz algum tempo por el-
tas Capitanias de Per-
nâbucô; a devoção de
muytos, & exprimental aproveita-
mento das almas me presegue ainda
hoje pela Carta de Marear: mas vê-
do a eu tão mareada, disfôrme, & vici-
ada pela variedade, & ignoriãcia das
pennas, me resolvi no retiro de Poiu-
ca, a restaurar, & acrescentar a dita
Carta, com tenção que pela estampa
mais bem acondicionada, se pudesse
espalhâr pelos mais pobres, e remõ-
tados destes Paizes; & se fosse possível
com pouco custo, & de graça, che-
gasse esta cartinha, ou cartilha da O-
ração

ração Mental , aos que não sabem ,
nem podem alcançar outros mayores
volumes que ha sobre materia tam
necessaria para a salvaçãõ ; para o
mesmo fim ajuntem a Carta de Ma-
rear o Astrolabio de huma caveyra ,
& a balestia de hum Christão arre-
pendido no canto de hum mazombo
rouxinol , por nome o Sabeà da pra-
ya , em fim sô digo , que com ser a
Carta de importancia pelos conhe-
cimentos que leva , não tem de porte
mais que a Gloria de Deos , & pro-
veyto das almas.

VALLE.



LI.

L I C E N Ç A S.

PO, dese tornar a imprimir a Carta de Marear, de que trata esta petição, & impressa tornará para se conferir, & dar Licença q corra, & sem ella não correrá Lisboa, 4. de Setembro de 1716.

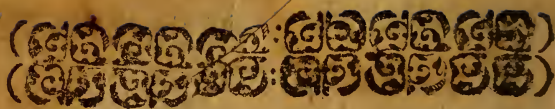
*Monteyra. Ribeyro. Fr. Pantalhão.
Guerreyro.*

POde-se tornar a imprimir a Carta de Marear, de que trata esta petição, & depois de impressa tornará para se dar Licença q corra, & sem ella não correrá Lisboa, 5. de Setembro de 1716.

Bispo de Tagaste.

QUe se possa imprimir visto as Licenças do S. Officio, & ordinario, & depois de impresso tornará a Meza para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá, Lisboa 6. de Abril de 1717.

*Costa. Andrade. Botelho. Pereyra.
Noronha. Guedes.*



L I C E N C, A S.

Visto estar cõfõrme pôde correr
Lisboa 20. de Mayo de 1717.

Monteyro. Ribeyro. Guerreyro.

Visto estar confõrme pôde correr
Lisboa 24. de Mayo de 1717.

Bispo de Tagaste.

TAxaõ este livro em hum tostaõ
Lisboa 20. de Junho de 1717.

Costa. Andrade. Botelho. Pereyra.

Oliveira. Noronha. Guedes.



CARTA DE MAREAR

PARA OS ULTRAMARINOS
do novo mundo do Brasil.

Principiantes da Oração Mental.

Facta est quasi navis institoris. Prov. 31:



NAO ide q falla Sala-
maõ he hũa alma Chri-
stãa posta no mar deste
mũdo com toda a nau-
tica preparaçaõ, fabrica-se no vètre

A

ma.

materno, como em ribeyra das nãos
lançase ao mar, quando nasce, ben-
zele, quando se baptiza; o casco
he o corpo, os tres mastros, Fé Es-
perança, & Charidade; as enxarcias
da não, sam os actos das Virtudes
Theologaes; as outras cordas varios
affectos d'alma; o leme a razão, a a-
gulha a vontade, o farol a conscien-
cia, a praça de armas o coração, a ar-
telharia confissam; a bomba contri-
ção, matalotagem communhaõ, car-
ga boas obras, o batel a esmola, que
as velas vaõ na memoria; bandey-
ras, pavezes famulas, & galharde-
tes alegrias, & consolaçoens espiri-
tuaes: o Senhor, & Capitaõ da nao
he o Creador, & Senhor do mundo,
os mandadores, & officiaes sam os
sentidos, os olhos o Piloto, & Sotapi-
loto

DE MAREAR. 3

loto, os ouvidos, Mestre, & contra-
mestre, a lingua, o Escrivaõ o tac-
to, o Cirurgiaõ, o gosto, o Cozinhei-
ro o olfato, o Calefate o sentido
comum, o Dispenseyro, a voz, he
a trombeta o Condestavel, o fer-
vor a botica, a devoçam os pensa-
mentos, passageyros, as palavras, pa-
gens, & gurumetes, as obras, maria-
nheyros, o mar he o mundo, os ven-
tos, as inspiraçoens, as tempestades
tentagoens, piratas, & corsariõs, ini-
migos d'alma os bayxos, vicios, os
naufragios, peccados, a barra he a
graça, o porto a gloria, as ancoras a
eternidade.

Esta naõ pòde nevegat sem
carta de marear, porque nam pòde
livrar dos bayxos da terra, & buscar
a altura do Ceo sem a elevaçam do

espírito a Deos, que he a Oraçam Mental; sem ella oraçam, dizia hum eninente Piloto da vida espiri-
tual, he impossivel viver hum ho-
mem vida Christãa : & nam se bus-
que outra causa da perdição de tan-
tas almas, sennão a falta da Oraçam:
como na Oraçam Mental se me-
dem, & contaõ os annos, que já
por nòs passàram, & não haõ de tor-
nar, como na oraçam se vê, o que te-
mos descahido do Ceo, & encosta-
do ao inferno, como a Oraçam faz
çafar dos bayxos do peccadò, & das
Sereas das occasioens, & com enfa-
tica metafòra, a Oraçam Mental he
Carta de marear para os que nave-
gaõ pelo perigoso mar deste mun-
do. Baste pro exemplo o baxel real
de David, que por falta desta carta
nau-

DE MAREAR.

5

naufragou miseravelmente, mas tan-
to que cartou, orando livrou-se dos
naufragios d'alma achou o porto
da salvaçaõ.

Supposta a necessidade da Ora-
çaõ mental, desenrolemos a Carta de
marear, tem duas linhas, a primeyra
corre de Norte a Sul, com cinco, ou
seis pontos, muyto celebres nesta car-
reyra, Conhecimento Proprio, Pec-
cados, Morte, Juizo Inferno, Glo-
ria, por esta linha vay correndo a
costa brava do Inferno, convem a-
vistala de longe, com o oculo da
meditaçaõ, quem a corre meditan-
do, nam dà á costa nella morrendo,
tambem se busca a enseada da Glo-
ria, que muyto de longe apparece,
cuberta de nevoas porque nam se vê
cá do mar do mundo senaõ por enig-

Salve
me ex
ore le.

onis.

Pf. 2. 1.

22. do.

mine

edu-

xisti

ab in-

terno

animã

meam

Salva-

sti me

à del-

cédē-

tibus

iu lo-

cū. Pf.

29. 4.

Vide-

mus,

nunc

per

specu-

lum

in ani-

mate

1. Cyr.

15. 12.

mas; para a parte do Leste estam as Ilhas dos beneficios divinos, con- vem tomar estas Ilhas, para abrigo, & refresco das naos.

Corre segunda linha, do Sul para o Norte, pelo mar vermelho da Pay- xão de Christo, tem sete rumos, he navegacão muy frequentadz. & de grande comercio espirital, o pri- meyro rumo he do Horto de Getse- mani, o segundo da Columna, o ter- ceyro do Ecce Homo, o quarto da Cruz às costas, o quinto de Christo crucificado o sexto de Christo mor- to nos braços da Senhora, o setimo da Resurreycam de Christo.

As monções da oraçam sam de manhã, & de tarde, & de noyte, ou de madrugada; pôde durar a monção hũa hora de cada vez o modo de ve-
lejar,

lejar , a postura , ou figura corporal, seja a de mayor reverência , q he de joelhos; tambem se navega em pè, â orça, ou a huma larga postado, que com o vento em popa assentado, ou deitado sò aos enfermos se permite.

Nestas navegaçoens tambem hà calmarias , que os praticos da oração chamão trevoas , securas, tristezas, & nòs pela carta de marear injoos : navegar com bom tempo he regalo, & com mào tempo grande trabalho, porque nas calmarias, & faltas de viraçam, a puro remo , à força de braços se navega , ter oração, quando corre o vento Galerno do Espirito Santo , he suave cousa, he rica vidá, mas se falta, como muytas vezes falta, a fresca viraçam do

Ceo' entaõ he que saõ os enjoos , os fastios, os enfados , principalmente nos que entraõ a primeyra vez nestes mares, o remedio melhor he remar , forcejar para Deos , bater nas portas da Divina Misericordia, que ellas se abrirãm, quando for mais conveniente. Tres inimigos tem os nossos navegantes, mar, fogo, cossario. Mar he a importuna variedade de pensamentos , que faz andar o juizo co' no mar banzeiro , & he a causa dos enjoos , que muytos nadecem na oraçam. O fogo he aquella desenquietaçam , afflicam; & aperto de coraçãõ , que causa o Demonio nos que oram, para os fazer desistir da oraçam, & temerem muito p' embarcaremse pela Oraçaõ mental, O cossario pichilingue , & pirata

DE MAREAR. 9

ta muy celebre he o somno, convê
muyto saberlhe a causa, & por-lhe
remedio. Contra todos estes inimi
gos ordena o Divino General
Christo no seu Evangelho que sem
pre se ore sem desfalecimento: por
que quem persevera até o fim, che
gará a salvamento.

oportet
sepre
orare,
& nū
quam
desice
re.

Luc.

184.

Qui
autem
perse-

Ultimamente a Carta de marear
tem cinco partes, que todas dam à
Oração Mental, preparação, lição,
meditação, acção de graças, peti
ção. Preparação, he remota, & pro
xima: a remota he andar entre dia
com o coração recolhido: proxima
he, quando nos pomos em oração
benzendonos, fazendo actos de Fê,
& contrição: de Fê, crendo que es
tá Deos presente: de contrição,
breve, & fervente. Lição, he ler
hūi

vera-
verit
usque
in fine
hic
salvus
erit.
Mar-
th. 10.
22.

hũa das seguintes meditações. Meditação he hir discorrendo cada hum como souber, & puder sobre o ponto preparado. Acção de graças, he a agradecer a Deos todos os beneficios geraes, & particulares, & os que se inferem da meditação do dia em que se ora. Petição he, pedir à Divina Magestade o que lhe for mais agradavel, & à nossa salvação mais conveniente.



DE MAREAR.

PRIMEYRA LINHA.

D A

CARTA

DE MAREAR.

SEGUNDA FEYRA.

MEDITACAO.

Do conbecimẽto proprio.



Consideremos hoje o q
somos por natureza, &
acharemos, q nada so-
mos, porque do abismo
do nada nos tirou a Divina Omni-
potencia, para nos fazer creaturas
existentes, & capazes da sua gloria:
repa-

reparemos, que não fez Deos este
nosso corpo, de hum pedaço dessas
esferas celestes, & incorruptiveis
Ceos, ou de outra materia forte,
& perduravel, senão de hum pouco
de lodo; para que dando a pedra da
nossa consideração nos pès de barro
do nosso corpo, se abataõ as rodas
da presumpção, & louca fantezia.
Es pó, & em pó te has de tornar,
disse Deos, ao primeyro homem, pa-
ra lhe curar aquella tam atrevida
 vaidade de querer ser como Deos
sendo hum pouco de barro: entre-
mos bem pela nossa terra dentro, &
tudo havemos de achar, que he terra
& má terra, com muytas misérias
pensoens, & tributos, mil achaques
no corpo, innumeraveis infermi-
lades na alma; & com sermos
taõ

DE MAREAR. 13

taõ vis , & miseraveis ; ainda somos
vãos, & soberbos ; De que te enso-
berbeces; pó, & cinza? Pergunte ca-
da hum a si mesmo. Desta conside-
raçaõ havemos de tirar o curarmonos
com os pòs da terra , que somos , &
em que nos havemos de tornar, an-
tes que nos dem os herpes da sober-
ba: humilhemonos diante da Divina
Majestade , reconhecendo o nada
que somos, & o muyto que pecca-
mos; porque Deos resiste aos sober-
bos, & dà sua graça aos humildes.

TERÇA FEIRA.

MEDITAC, A M.

Dos Peccados.

DE dous modos se pôde confi-
derar a graveza , do peccado
mor.

mortal, contra Deos, & cõtra o peccador. Peccar, he levãtar a mãõ contra Deos ; he nam querer que haja Deos ; he querer matar a Deos ; he tornar a crucificar o Filho de Deos, tanto offende a Deos o peccado, que teve Deos por bem morrer seu Filho , por destruir o nosso peccado. Dos castigos ; que a Divina Justiça fez nos Anjos, que peccaraõ ; em os homens que o offendêram ; & hã de fazer até o fim do mundo ; que por peccados hade acabar, julguemos o que he offender a Divina Magestade. O segundo ponto he, considerar as infinitas perdas, & danos, que causam os peccados, nos que os cometem ; o peccar, nam he menos perda ; que perder a Deos, o peccar he despojar-se o pecca-

DE MAREAR. 15

pecador de todas as graças , honras ,
privilegios , dons do Espírito San-
to, he ser inimigo de Deos declara-
do, escravo do demonio, & pela pre-
sente justiça condemnado ao inferno ,
ainda he mais, porque he ser o mes-
mo demonio. Hum de vòs he o dia-
bo , disse Christo a seus Discipulos
entendendo por Judas , que estava
em peccado mortal, o que suposto,
consideremos bem contra quem pec-
camos, & em que peccamos , & de
que maneyra peccamos, & arrepen-
didos de todos, os peccados , peçamos
a Deos, que por sua infinita piedade
& misericordia tenha por bem per-
doarnos , & restetuirnos à sua graça
& amizade, para nunca, mais o offen-
demos.

QUAR-

Quarta seyra.

MEDITAC, A M.

Da Morte.

TRes pontos tem a morte muy-
to cõsideraveis, o ser certã, in-
certa, huma sò vez, certa, como se
vê, incerta, no quando virã, certifi-
sima em vir huma sò vez, he certo
que hà de vir hum dia, em que não
has de chegar à noyte, & ha de vir,
huma noyte, em que não hã de che-
gar ao outro dia, isto bem o sabes,
mas porque esquece se te lembra,
& para que te aproveyte, te digo
o consideres, & com ser tam certa a
hora da morte não só por se, mas
por

DE MAREAR. 17

por evidencia, he tao, incerta a vinda da morte, como vemos que leva a muytos de repente sem confissam nem preparaçãõ alguma ; & senam sabes, peccador, o dia nem a hora da tua morte; em que te fias? em que cuydas, descuydandote do que te importa mais que tudo quanto ha no mundo? A mais horriuel condiçãõ da morte he ser unica, he morrerse huma sò vez, he não se poder tornar ao mundo, a remediar o que faltou na vida. Pasma, mortal, da cegueyra do teu juizo, vendo como andas engolfado nos enganos do mundo, tãto, & cego das suas vaidades, & locuras, & muyto mais do amor proprio, como se a morte fosse fabu-
la, & o Inferno mentira; se he que desejas morrer bem, trata de viver

B

como

como quem hade morrer, porq̃ tal
serà a morte, qual for a vida.

QVINTA FEYRA.

MEDITAÇÃO.

Do Juizo.

E Ntremos em Juizo, ponhamo-
nos no Tribunal Divino, onde
depois da morte forçosamente nos
havemos de achar, & de quantas an-
gustias se verà o peccador cercado
entam dirá com o Profeta Rey; Cer-
cado me tem os gemidos da morte,
& as dores do Inferno me rodearam
por ser o Tribunal rigorosissimo, &
rectissimo. Nam lô das mãs obras
havemos de dar conta, mas tambem
das

das boas obras, com que tençam , & de que maneyra as fizemos, nem sómente, o que cuydamos, fazemos, & fallamos , se hade examinar , mas tambem o que cuydamos de fazer , quando eramos obrigados, nam ha de haver palavra ociosa, nem pensamento vão de que se não peça conta. Se toda a Escritura clama , que Deos hade dar a cada hum o premio, ou castigo conforme as suas obras ; que contas faz logo quem desta conta se não lembra ; Que juizo tem quem não teme este Juizo; Se isto ha de passar por nós , porque nos nam prevenimos, & preparamos para aquelle tremendo transe ; Abramos com tempo os livros da consciencia , o livro deve , & ha de haver; os peccados, que temos com

mettido , & as satisfaçoens , que re-
mos, ou nam temos dado , antes que
venha a morte, antes que nos veja-
mos em juizo , tratemos de pagar
com tempo as dividas dos peccados,
confessando-os verdadeyramente ,
& chorando-os amargamente , se
queremos que say a sentença por
nòs.

S E S T A F E Y R A

M E D I T A C , A M.

Do Inferno:

DEçamos ao Inferno vivos por
consideraçam, para que nam
deçamos de pois de mortos por con-
denaçam As penas do Inferno são de
dou

dous generos, de sentidos, & de dano, pena de sentido, he padecer com todos os sentidos exteriores, & interiores: pena de dano, he carecer da vista de Deos por huma eternidade, q̃ he a chave de todas as penas infernaes: o fogo, que pertence às penas do sentido, he de tal qualidade, que atormenta corpo, & alma, atormenta, mas não consome, & como estranharão estas camas, os que costumão dormir em camas brandas, ou regaladas! Como estranharão os colchoens do fogo eterno com lançoas de frio intoleravel, & com as colchas, & cobertores da eternidade, com o cortinado da privaçam da vista de Deos! Nestas abrazadas, ou abrazadoras chãmas se pagão os deleytes da torpe, & escandalosa vida

os olhos não sò tem o tormento do fogo, mas tambem horriveis , & espantosas visões dos Demonios: os narizes, fedores mayores que os de cadaveres : os ouvidos , trombetas de fogo , & blasfemias horrendas : o gosto, fome canina : a imaginaçam he gravissimamente atormentada com a apprehensam das penas presentes, & lembrança dos gostos Passados: sobre estes tormentos gêraes , ha outros particulares, para os que eram mais inclinados a este , ou àquelle vicio, em q̃ nũa se emēdaraõ. De todas estas penas tiraremos por fruto o fugir das culpas que levam ao Inferno, o qual se nam fez para brutos, senam para peccadores.

DE MAREAR. 23

S A B B A D O.

MEDITAC,AM.

Da Gloria.

O Soldado deyxá a patria amigo, pay, & mãy, & o que tinha na affeyção, sojeitase a terras estranhas, arrisca a vida em batalhas perigosas, até ficar morto, por hum fraco estipendio, & caduca gloria do mundo: nós que (como diz Job) todos militamos nesta vida; porque não faremos muyto mais pelo premio do Ceo, & pela gloria eterna? para nos animarmos a merecela, consideremos as suas excellencias, o lugar, o gozo, a companhia, a visam
Bini de

de Deos, a gloria dos corpos, a duracão de todos estes bens. Se a Rainha Sabã chamou bemaventurados aos que assistirão no palacio de Salamaõ: que gloria teram os bemaventurados do Ceo, vendo a gloria não só de Deos, mas da Rainha dos Anjos, & a sua mesma gloria, com os quatro dotes de futilleza, ligeireza: impassibilidade, & claridade? então se darão por bẽ empregados os trabalhos desta vida, porque se verão os serviços bem apremiados, & os desejos satisfeytos: a Fê: Esperança, & Chari-
dade bem galardoados. Tiremos desta Meditação o soportar cõ paciencia, & gosto as penalidades desta vida, para gozarmos de tantos bens; para isso nos he necessario perder o amor aos falsos, & caducos haveres
do

DE MAREAR 25

do mundo , & rematando com David, diremos: Huma sò cousa pedi ao Senhor, & esta buscarei sempre, que more eu na casa do Senhor todos os dias da minha vida, que são os dias da eternidade do Ceo.

DOMINGO.

MEDITAC, AM.

Dos beneficios Divinos.

QUatro consideraçoens tẽ esta Meditaçam; quacs sam os beneficios; quem os faz : o modo com que os faz; & quem , os recebe. Discorramos pelos beneficios gèraes , que da summa bondade temos recebido. pelos particulares , & outros

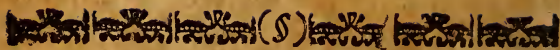
tros muytos occultos, que nam sabemos entendamos, que tanta conta se nos hade pedir dos beneficios, como dos peccados. O bemfeytor he Deos Rey dos Reys, Senhor dos Senhores: se o que dá hum Rey, por pouco que seja, se estima em muyto; que estimaçam devemos fazer do muyto, q̃ nos tem dado o supremo Rey do Ceo? O modo como Deos faz os beneficios, he digno de admiravel ponderaçam, porque he com hum amor finissimo, perpetuo, & constante, com que nos estâ continuamente enchendo de beneficios. Se consideramos na mã correspondencia dos sojeytos, que recebem os divinos beneficios, pasmarémos das nossas ingraticadoens. Tiremos dos quatro pontos hum sò ponto, nam dar

DE MAREAR 27

darmos offensas por beneficios ; nam
fermos ingratos , porque a ingrati-
daõ seca o rio das misericordias , &
todos os que vaõ ao Inferno, he pe-
lo crime de ingratos ; para o naõ
fermos , lembremonos do que disse
Joseph filho de Jacob, a quem o so-
licitava a peccar : que naõ podia
ser traidor a quem tantò tinha fiado
delle.



SE-



SEGUNDA LINHA.

DA CARTA. DE MAREAR.

S E G V N D A F E Y R A .

MEDITAC, M.

Do Horto de Getsemani.

Ntremos agora pelo mar
alto da Payxaõ de Chris-
to, segundo o rumo do
Horto de Getsemani, a-
charemos nelle em oraçam ao bom
Jesus, para nos ensinar, q̃ sempre, mas
muyto mais nas tormentas do mar
deste

DE MAREAR. 29

deste mundo, havemos de recolher à oração, por ser o unico remedio, & porto salvo de todos os trabalhos desta vida. Christo orando teve tristezas fastios, desemparos para dar exemplo aos que eraõ, para os animar a vencer as tentações do inimigo, a perseverar, & conformar com a Divina vontade; contemplemos naquella mortal accidente que teve o affligidissimo Jesu orando, suando sangue, & agonizãdo antes de açosado, & crucificado, sò com a imaginação vehementissima dos tormentos, causados das nossas culpas; se temos fê, razão, & amor, como devemos ter, resolvamonos a servir, & amar a todo o custo a quem morreu por nos salvar.

TER-

TERÇA FEIRA.

MEDITAC, AM.

Da Columna.

P Onhamos hoje , a proa da meditaçam na columna , em que esteve nú & amarrando, o que veste os Ceos, a terra , arvores , animaes, & homens: que pejo, que confusão padeceria o innocentissimo Senhor, vendo-se despido á vista dos mais profanos olhos? E se Christo sofre com tão admiravel paciencia o ser agoutado como escravo , & ladrão: como ha Christão, que se peje de fazer acto, de Christão , que deyxer de guardar a Ley de Deos , por guar-

DE MAREAR. 31

guardar as leis do mundo? Se como Christaõs queremos imitar a Christo, derrubemos o Idolo: Que dirão: porque nos havemos de envergonhar de fazer de sofrer por amor de Deos, o que elle se nam pejou de fazer & sofrer por nosso amor? Mas a quem não cortará o coraçam, ver a Christo ir arrastando se pelo mar de sangue q̃ estava ao pé da Columna, a buscar o seu vestido? Oh alma minha, pega nessa sagrada tunica, que de a tocar farou muyta gente, & com a humildade, & devoçam, que puderes, offerece-a em espirito a teu Senhor, pedindo-lhe te vista da sua graça, & pelas purissimas mãos, que a Senhora poz nella, quando a fez, te perdoe os teus peccados.

QV AR-

QVARTA FEYRA.

MEDITAG, VM.

Do Ecce Homo.

NO rumo do *Ecce Homo* háviamos de ter os coraçoes de cera, para nelles se imprimir a lastimosa Imagem de Christo com as mãos atadas, & nellas huma cana por cetro, & nos hombros hum pedaço de purpura velha, na cabeça huma coroa de espinhos, feyto hum Rey de escarneo o Rey dos Reis, & Senhor dos Senhores. *Ecce Homo.* Eis-aqui o homem, que buscou a Deos em tantos annos para media, peyro, & Redemptor dos homens.

Ecce

DE M R E R. 33

Ecce Homo, Eis aqui o h^omem, que sendo a figura sustancial do Padre Eterno, está feyto hum a Ave de penas, hũa pasta de sangue, *Ecce Homo*, Eis aqui o homem; que quem o tiver por si, não dirá que nam tem homem, antes poderá affirmar que tem mais que homem. Tiremos da meditação do *Ecce Homo*, o não nos desculparmos com o enfermo da pifcina: *Hominem non habeo*: porque no divinissimo *Ecce Homo*, temos o nosso homem, & o nosso Deos, que padeceo como homem, para nos salvar como Deos.

QVINTA FEYRA.

MEDITAC, A M.

Da Cruz às Costas.

COm a Cruz às costas vay o nosso General Jesv surcando mares de sangue com taõ grande tormenta, que leva o bordo debayxo d'agoa, digo, debayxo do sangue, q corre do seu sagrado corpo, cheguemos, como náos que somos da sua armada, & a modo maritimo lhe demos a boa viagem: Oh, oh da náos, como vai o Senhor General? Muyto bem, respondem da Capitania: muyto bem, para servir, para padecer, para salvar a todo o genero humano

mano; não vai dentro da arca como Noè, mas com a Arca às costas, para salvar os peccadores do diluvio de seus peccados; vay como Isaac com a lenha às costas, para nella ser sacrificado por nossos peccados, vai com a chave de David sobre o hombro, para nos abrir com sua propria mão a porta do Ceo, aqui se despare toda a artelhaia dos nossos affectos, toda a contriçam d'alma, todo o fervor do espirito, & seguindo a esteira da Capitania com a não da Cruz em que vivemos, vamos fazendo nossa viagem, vamos seguindo o farol de Christo, atè entrarmos pela barra do Ceo.



S E S T A F E Y R A .

M E D I T A C , A M .

De Christo Crucificado.

SUbamos hoje com a alma dos Cantares ao monte de myrra , ao monte calvario , onde està o ramilhete do peyto posto numa Cruz, contemplemos naquella Rota de Jerichò , toda aberta em chagas , cercada , de espinhos , ponhamos os olhos d'alma na serpente exaltada para remedio dos feridos da serpente infernal , vejamos ; crucificado na não, o que a levou às costas, & vamos vendo da cabeça até os, pes as barbaridades, que fizeram os-
nos-

DE MAREAR. 37

nossos peccados, os pès, & as mãos
 pregados com cravos grossos & es-
 quinados, as feridas tam abertas, &
 rasgadas com o pezo, & solabanço,
 da Cruz, a almofada da cabeça com
 chumaço de penas, a fronha de es-
 pinhos, os rios de sangue que cor-
 rem das fontes do Salvador; quem
 tem que lavar, chegue a lavar-se na-
 quella derretida purpura, & liquido
 coral, digamos ao Pastor, que está
 crucificado no seu cajado, que nós
 somos as ovelhas perdidas, que elle
 busca, que como bom Pastor nos re-
 ceba no seu rebanho, & nam duvide-
 mos, de que nos receba, & porque
 quem dá vida por peccadores, nam
 quer a morte do peccador.

S A B B A D O.

MEDITAC, A M

*De Christo morto nos braços
de sua Mãy.*

H Oje que he Sabbado, dia da Virgem, temos o Sol posto nos braços da Aurora , a Christo , Sol de Justiça , morto nos braços da Divina Aurora sua Mãy, façamos por sentir dentro de nossos corações, o que se não pôde com palavras explicar, nem com o juizo alcançar, consideremos naquella mistura do sangue do Filho com as lagrimas da Mãy: que dor teria a Senhora vendo mais de perto os marty-

tyrios, que padecce o seu Filho no alto da Cruz ? Entam devia pagar à natureza as usuras de ter parido sem dores, porq̃ entam se cumprio a profecia da espada de Simeam : mas que espada foy a que profetizou o Santo Simeam ? Que espada, a que trespassou o Filho, & a Mãy, senam o nosso peccado ? que quem offende o Filho, tambem offende a Mãy, mas he de tanta misericordia a May, que com a morte do Filho nos negoceia o perdão: sirvamos pois, & amemos a Mãy, & o Filho, porque ambos nos amão a matar, a ambos devemos a vida, & a salvação,

D O M I N G O.

MEDITAC,AM.

De Christo Resuscitado.

CEssou a tempestade, serenou o mar da Payxam, resuscitou Christo todo banhado de resplandores, com mais gala, com mais gloria, que Joseph sahindo do carcere; que Daniel do lago dos leoens, que Jonas do ventre da Balea: alviçaras alma minha, alviçaras, que temos chegado ao porto da resurreyçaõ de Christo. Demos as graças, & os parabens ao vitorioso Jesu, & a seus pès digamos com Sam Thomè: Meu Senhor, & meu Deos, com a
vossa

DE MAREAR. 41

vossa gloriosa resurreyçaõ resuscitarey a hũa nova vida, mas como os Lazaros não pòdem resuscitar sem thebradares, dizei, Senhor, à minha alma, que deyxе a mortalha, & sepultura dos vicios, & se não bastaõ as vozes de hũa graça sufficiente, seja o prado de hũ efficaz auxilio, que como forte cabo me leve á toa, visto estar tam destrocado, assim como levastes o bom ladraõ, tambem destrocado, meteyme Senhor naquelle porto, onde se recolhe em paz a armada dos escolhidos, a frota dos predestinados, onde por meyo da Carta de Marear, se cantam os nauticos celeumas pos todas as eternidades. Amen.

EXER-



EXERCICIO

de nosso Padre.

S. FRANCISCO

Na Segunda feyra

Presentava-se diante de Deos, como reo, & culpado diante do Juiz supremo, fazendo exame, & meditação de suas culpas, pelas quaes tinha merecido a pena eterna, explicando, & conhecendo a malicia, & miseria em que tinha cahido, tendo sô esperança na misericordia de Deos, rogava humildemente

mente lhe perdoasse, appellando da curia da sua Justica para a da sua misericordia.

Na Terça feyrá.

A Presentava-se diante de nosso Senhor, como enfermo diante do medico, & com grande affecto do coração, imaginava estar enfermo de muytas enfermidades; & rogava a nosso Senhor, pois elle fò podia, como medico verdadeyro o farsasse.

Na Quarta feyrá.

A Presentavase como devedor diante do seu acredor, conhecia as suas dividas, assim culpas, como

mo beneficios, & conhecendo-se devedor de muytas maneyras, & vendo que não podia pagar tudo, nem parte, pedia a sua Magestade, que pois era rico, & liberal para todos, os que de coraçam o chamavam, o livrasse daquellas dividas, esperando sô em sua misericordia.

Na Quinta feyra.

A Presentavase diante de nosso Senhor, como pobre mendigo diante de seu Rey, & rogava a sua Divina Magestade, tivesse por bem o sustentalo, dandolhe o manjar necessario para a vida espirital, declarando a necessidade; & fome que padecia a sua alma, pella esterilidade, que nella sentia; pois era Provedor

vedor liberalissimo, o soccorresse abundantemente, porque sò nelle tinha esperança.

Na Sesta feyra.

A Presentava-se como servo diante de seu Senhor, tendo-se por servo mão, inutil, & negligente ao serviço de Sua Magestade conhecendo que tinha gastado o tempo em proveyto, & em peccados, que mais merecia o carcere do inferno, do que o ser perdoado: meditando estas cousas rogava ao Senhor que por sua divina misericordia lhe perdoasse, & o não lançasse de sua casa, nem o apartasse de seus escolhidos.

No

No Sabbado.

A Presentava a sua alma como esposa diante do seu Esposo, considerando que a sua alma era esposa do Senhor; entregavalhe a vontade, o coração, a liberdade, explicando lhe os seus desejos, & declarando-lhe a sua necessidade, dizia com o Salmista: como o veado deseja com sede as fontes das agoas, assim a minha alma vos deseja meu Deos, pedialhe como a Esposo querido visitasse muytas vezes a sua alma porque amava muyto a sua presença.

No Domingo.

A Presentavase diante de nosso Senhor, como filho diante de seu

DE MAREAR 47

seu pay ; confessava ser o filho prodigo , & fugitivo , apartado de seu pay por desobediencia ; desapossado da herança paterna, esperava na misericordia de tão entranhavel pay, & dizia : Padre , pequei no Ceo, & diante de vòs, já não sou digno de ser chamado vòsso filho ; fazeime Senhor como hum dos vossos mercenários ; conhecendo se por rebelde à vontade de seu pay , pedia lhe perdoasse, & o recebesse por filho.



EXER;



E X E R C I C I O

do Serafico Doutor

S. BOAVENTURA.

Para os aproveytados.

Segunda feyra.

Quis est qui patitur.



D.B.
nav.
3.op.
C.53.
in id-
cendio
amo-
tis.

UEM he o que padece?
Aqui se hade sojeitar o
entendimento crendo fir-
missimamente, ser o Fi-
lho de Deos, verdadeyro principio
de todas as cousas, Salvador dos
homens, & recompensador de todos
os merecimentos.

Ter

DE MARE A R 49

Terça feyra.

Qualis est qui patitur?

Qual he o q̃ padece? Aqui se haõde considerar as suas qua-
lidades, & procurar o transformar a
alma no Senhor por affecto de com-
payxaõ, compadecerse delle, como
innocentissimo, mansuissimo, nobilissi-
mo, & amantissimo.

Quarta feyra.

Quantus est qui patitur?

Quam grande he o que pade-
ce? Aqui hade reparar a al-
ma, considerando, como o Senhor
D he

he immenso em poder , em fermosura , em Bemaventurança ; em eternidade, como se humilha , & aniquila aquelle poder immenso , como se afea aquella fermosura , como he atormentada a Bemaventurança , & a eternidade morta.

Quinta feyra.

Qua de causa patitur?

Porque causa padece? Aqui se hade meditar como padece por nossa redempção , santificação , & glorificação & nam por interesse seu, nem por merecimento nosso, se não sò pelas entranhas de sua piedade.

Sesta feyra.

Quali forma patitur.

C Om que fôrma padece? Aqui se ha de considerar, que padece, como hum verdadeyro cordeyro de boa vontade por amor de nòs muy obediente ao Padre, & seus inimigos.

Sabbado.

Quanta sint quæ patitur?

A S cousas q̃ padece? Aqui se hade considerar como padeceo atado, sendo o todo poderoso, como foy injuriado de palavras, &

Dij

com

com vozes como vil , sendo a summa bondade, como foy escarnecido como nescio, sendo a mesma sabedoria, como foy atormentado , sendo a mesma Justiça, & a mesma santidade.

Domingo.

Quid ex hoc consequitur?

Que se seguiu de morrer Christo ? Seguio-se abrir-se o livro dos sete sellos do Apocalypse , que como dis o Serafico Doutor , vê a ser: *Deus admirabilis , Spiritus intelligibilis , mundus sensibilis , Paradisus desiderabilis , infernus horribilis , virtus laudabilis , reatus culpabilis .*

Deus admirabilis : porque venceu o Demonio na Justiça; com que buscou o rigoroso preço da nossa redempção

dempçam; na infinita misericórdia, com que se offereceo, a morrer por seus inimigos.

Spiritus intelligibilis: espirito intelligivel, a brandura, & benignidade dos Anjos, o valor das almas, crueldade, & tyrania dos demonios, q̃ sam tres differenças de espiritos comprehendidos na palavra, espirito intelligivel.

Mundus sensibilis: conheceose a cegueyra do mundo, que nam conheceo a luz do Ceo, que desceo para allumiãr, condenou, & tirou a vida a seu Senhor.

Paradisus desiderabilis: manifestou-se-nos o agradavel Paraíso que desejamos.

Infernus horribilis: descobriose o Inferno onde os condenados padecem

Virtus Laudabilis : descobrio-se que mais quiz o Senhor perder a vida, porque senão perdessem as nossas almas.

Beatus culpabilis : descobrio-se a graveza do peccado, para cujo remedio foy necessario grande preço, tão custoso Sacrificio, tão difficilissima medicina.

Receyta espiritual.

SE a oração he tratô, & contrato d'alma com Deos, as almas q̃ tem o contrato dos dizimões reaes para darem a Deos, p̃ q̃ he de Deos, & a Cesar o que he de Cesar: as almas que tem o contrato dos vinhos, que tratao do amor de Deos, entre os brindes do amor profano: as almas

mas que arrematarão o contrato das
pençoens , estando sujeytos ás do
mundo, & do corpo: as almas que
contratam nos açougues, & córtex de
carne inimiga d'alma , necessitaõ de
huma cura geral, & de hũa conuale-
cença particular , que começa pelo
muy celebrado quarteto na mystica
Theologia.

Olvido de lo creado,

Memoria del Redemptor.

Recogimiento interior,

Amando sempre al amado.

Em quanto se anda á falla com o
mundo sem cautela , & recolhimen-
to interior das potencias , nam será
possivel , que hũa alma dure muyto
tempo no amor de Deos , conservan-
do as sinco portas abertas , por onde
francamente pôdem entrar seus ini-
migos,

migos, que tantas vezes entram até
q̃ deyxão a praça por sua, & as vir-
tudes, que dentro estavão, postas na
praça; & ainda mal, porque a expe-
riencia tẽ provado tantas vezes esta
verdade, retrocendo tantas almas no
caminho da perfeição; as quaes
querendo levar o Ceo como mun-
do, ficam prezas na mão do mun-
do.

Em segundo lugar, devem tomar
hũs suores nas potencias, para que fi-
quem livres do accidente do ar, que
sempre impede os movimentos para
o Ceo, obrigando a que todas se em-
preguem nas cousas terrenas; diffi-
cultando a virtude, & sempre clamã-
do que sô o mundo he o seu Cesar.

Estes suores se haõde tomar na
estufa da Oração Mental, no fogo
do

do amor de Deos, deputando para
 isso duas horas cada dia, nas quaes o
 entendimento vay despedindo nam-
 só os pensamentos ; contrarios â vir-
 tude, mas ainda os indifferentes , q̃
 não servem para aquelle lugar , de-
 xando para outro tempo, o que não
 conduzir para o amor de Deos , res-
 pondendo a tudo o que vier , o que
 lá respondeo Christo às Virgens lou-
 cas: *Clausula est janua.*

A memoria tambem hade ir lar-
 gando as lembranças do passado, con-
 servando só aquellas que lhe póem
 servir para a dor , & confissão das
 culpas ; procurando o mais que pu-
 der, que sobre as culpas haja suor
 de lagrimas; que com estas purifi-
 ca o arrependimento, & corrobora o
 proposito: pois he certo , que nam
 pre-

prevalecem as culpas contra as correntes das lagrimas ; porque se os olhos choraõ, là se vaõ as culpas pela agoa abayxo: longe està de cahir, o que chora as quedas que tem dado; as praças que tem agoa por muros, nunca se tomaõ por terra.

A vontade he a que mais hade perseverar no suor, porque nella he mayor a enfermidade, para q̃ fique de todo livre de todo o mais querer abayxo de Deos, serã necessario applicarlhe sempre o fogo, & de mais perto, retirando-a de tudo, porque tudo a que se pega aqui, despega là, & por pouco q̃ seja, faz muyto dano: porque este amor do mundo he como bareja, logo cria bichos onde se poem.

A goa que se bebe nesta convalecen-

ecência, he cozida com as raizes do
desprezo, porque aqui todos os des-
prezos do mundo se bebem como a-
goa; isto he hũm dos mayores sinaes
de que se vay melhorando a alma na
saude, por ter chegado já ao monte
de não se me dà, nem se lhe dà do
que diz, nem do que se lhe faz, &
todas as suas tençoens são para sima
quem muyto se sente, nem està são,
nem està santo.

As pirolas que se tomaõ são de
penitencia, porque com ellas se vay
gastando a opilação, que deyxaraõ
os vicios na vontade, ficando entaõ
mais habil para correr o caminho da
perfeyção.

Os defensivos não se applicam à
cabeça, senão ao coração, porq se
contra elle encaminha o mundo o
seu

o seu veneno, entre todos o melhor defensivo, he hum que faz a vontade, a que chamão (não quero) em quanto este persevera, ou algum dos seus irmãos (detesto, abomino, arrengo do diabo) nunca se rende a praça do coração.

As sangrias todas se dão na veia de todo o corpo, porque sendo inimigo caseyro, he necessario diminuirhe as forças, porque se nam rebelle contra o espirito; porque em quanto o corpo anda forçoso, anda o espirito fraco.

As ventosas todas se lançaõ no alto da presumpçam; porque para obedecer aos bayxos na humildade, hase de fazer a descarga nos altos da soberba, & quando esta nam obedeça ao fogo das ventosas hase de passar

DE MARE AR. 6r

lar às ventosas sarjadas, lançando
mão às disciplinas de sangue; porque
se o natural se vê oprimido, logo fica
humilhado.

Os lambedores vê feytos do Cal-
vário, porque à vista do que Deos
alli padeceo por nós, tudo nos fica
doce, & se ha alguma dureza no pey-
to logo se vay gastando, ficando a
vontade fã, gostosa de padecer, &
de muyto gostosa lambe as dores, &
faz estimaçam das penas. tudo quan-
to aqui se come, he assado; porque o
amor de Deos. tudo poem a assar, &
da qui nasce o não ter fastio, porque
o tempero do amor logo lhe abre a
vontade, nada de molho se come a-
qui, porque o mundo he que se
poem de molho: as camas sendo to-
das bem feytas, todas são duras, por-
que

que nunca se faz a cama à nossa vontade; mas para a verdadeyra saúde estas são as melhores? porque a alma, que menos fizer a sua vontade dormirá no leito do Esposo com mais descanso.

Para os accidentes de melancolia, que são muyto ordinarios nos q̃ entraõ a convalecer de novo, se devem tomar huns pões da terra com os olhos no Ceo, & conhecida a differença, logo foga a tristeza da'alma; porque julga por nada quanto padece, à vista da Gloria que espera.

Os xaropes são feytos da raiz contraria ao vicio, que mais reyna, em quanto este não cahe por terra, sempre se deve temer a recahida: as dietas são feytas pela mão do jejum, & todos quantos entraõ nesta cura,

loz

DE MAREAR. 63

logo se poem de dieta , porque amor entre regalos , morte de apoplexia.

Para as purgas se receyta o manà; porq̃ para purgar as imperfeyçoens d'alma , & avivar as operaçoens do espirito , a purga mais operativa he do manà o Sacramento do Altar ; mas ha-se de tomar depois de bem quente nos dezejos do coração.

Finalmente para se conservar a saude perfeyta em todo o tempo , se hade tomar cada dia huma untura geral daquelle oleo , que chamam presença de Deos, porque este oleo tem virtude para preservar de todos os males , & para confortar o cerebro em ordem a impedir as fraquezas da cabeça, he efficacissimo remedio andar sempre cheyrando aquella

la flor do campo, que nasceo em Belem: que para confortar aos fracos, he cousa vinda do Ceo.

Actos de amor de Deos, & complacencia das perfeçoes Divinas, para os exercitar a alma na contemplação activa.

P Ara hũa alma adquirir com a graça de Deos o felice estado da contemplação activa, o mais principal meyo he a contemplação dos actos, para vir a cobrar a perfeição delle: & perguntando, que cousa he amor, define-se o amor: Hum bem querer, hum alegrar, & gozar dos bens, & perfeições que a pessoa amada goza; dezejar, & procurar com todas as forças grangearlhe mayores
aug.

DE MAREAR. 65

augmentos, darlhe, gosto em tudo,
fazerlhe a vontade, adevinharlhe os
pensamentos, cuydar muyto nelle,
& nam lhe dar occasiam de queyxa,
isso he ser amor, & quem deseja te-
lo a Deos Nosso Senhor, que sò he
digno de ser amado, & sò elle he ver-
dadeyro amante, guarde estas con-
diçoes.

Queyralhe bem, gosando-se, & a-
legrando-se excessivamente, de ser
elle quem he, deseje, & procure
com todas as forças grangearlhe
gloria em si, armando-se de virtudes
com os seus proximos, ajudando-os,
& servindo-os, como se foram o
mesmo Deos, delhe gosto em tudo,
façalhe a vontade, não o offenden-
do, adevinhelhe os pensamentos, pa-
ra lhe obedecer, cuyde muyto nelle,

E

tra-

trazendo-o sempre presente , nam-
lhe dé occasião de queyxas: guar-
dando os seus preceytos , & isto he-
terlhe amor , & para o exercitar ,
quem de veras dezeja servir a Deos ,
tome os divinos attributos , pela or-
dem dos dias.

No Domingo cuydar na fermo-
sura de Deos.

Na segunda feyra , em sua sabe-
doria.

Na terça feyra, em sua omnipo-
tencia.

Na Quarta feyra, em sua bonda-
de.

Na Quinta feyra , em seu amor.

Na Sexta feyra, em sua misericor-
dia.

No Sabbado , em sua eternidade.

Executará a vontade com dous
actos

DE MAREAR.

67

actos principalmente, que sam alegria, & complacencia, gosto, & deleyte em ser Deos prefeytissimo, & summo bem, resignandose em tudo o que lhe ordenar, & quizer, obedecendo-lhe com gosto, amando-o com satisfação, & contentamento.

Ao Domingo em despertando (façamos exemplo deste dia para os mais dias da semana) se lembriará que hade gozar-se aquelle dia em a fermosura de Deos seu Creador. E diga: Gozome Senhor, & douvos mil parabens, de seres fermosissimo, day-me graça para me saber namorar de vós, & luz para penetrar alguma cousa do muyto que em vós creyo. O mesmo diga todos os dias na contemplaçam dos outros attributos, pelas palayras q̃ mais lhe con-

E ij

tenta-

tentarem, & forem do coração.

Quando entrar na oração, depois dos actos costumados de adoração, resignação; contrição, & petição, pondo-se em presença de Deos, com acto de Fè diga: Creyo Senhor que sois o que sois, & gozome de seres fermosissimo (ou sapientissimo, conforme o attributo do dia, em que oras) ensinai-me meu Deos, & mestre a vos conhecer, & amar, que de mim nada sou; nada posso, nada valho, nada mereço, nada quero mais que a vòs, faça-se em mim vossa vontade. Considerando o presente faça muitos actos de Fè: Creyo q̃ meu Deos, està presente, & que he fermosissimo, & misericordiosissimo, eterno. E fallando com elle lhe diga: Mil parabens vos dou Senhor de seres tam bello

bello, (ou Sabio, conforme o dia)
 daynos a mim tambem Anjos, & to-
 das as creaturas, de ter eu tal Deos,
 & tal Senhor, a quem espero ver, &
 gozar para sempre: ò que gloria se-
 rà, meu bem, vermos ! quando será
 Senhor meu? chegue já esta hora de
 sejada, em quanto se dilata, me que-
 ro alegrar com os bemaventurados,
 em vossa fermosura: v. g. Regalo da
 minha alma vervos tão lindo, & fer-
 moso, com o gozo, & deleyte em vos-
 sa gloria. Detendo-se faça presente
 esta alegria com a vontade, como
 quando temos gosto de ver huma pes-
 soa, a quẽ queremos bem, ou a hu-
 ma imagem devota a quem se tem
 devoção, q̃ se está como rindo a al-
 ma, & deleytando-se com contenta-
 mento.

Deſta maneyra imitando o s Sera-
fins, que ſam os mais amantes eſpiri-
tos, deyxando-ſe amar com elles pó-
de ir cada dia em cada attributo, ex-
ercitando-ſe com o meſmo gozo, crê-
do, & alegrando-ſe de ſer Deos tal,
& para iſſo terá liçam, ou noticia
dos ditos attributos divinos, para
com fundamento, & facilidade os
contemplar.

*Aſtrolabio para medir, & pezar os cadu-
cos Soes da terra.*

*Memor eſto judicij mei,
Sic enim erit & tuum,
Mibi heri, tibi hodie. Eccl. 18*

E Sta cabeça morta que vedes
nas mãos de hũa caveyra viva,
he

he o astrolabio mais certo para a navegaçam de huma vida , q̃ sendo mar de misérias , he golfo de naufragios, lembrandovos o que foy esta caveyra, & vendo o que he , cahireis no que sois, & no que haveis de ser.

Este tofco, & feyo globo foy do mundo pequeno imperial Corte ; duma Princeza do Ceo Palacio encantado ; da alma racional laberinto admiravel , & do livre alvedrio escorial mais sumptuoso, dentro desta medonha esfera estava a Sé Cathedral do Juizo, estas ruinas foram paços da vontade, num quarto desta abobada se accomodava a biblioteca da memoria ; por estas peças , falsas, torres de vento , passeava, & corria a vagamunda fantasia , nestas

escuras cõcavidades se armavam as
tendas da sensualidade , as logeas
da ambiçam, as estalagens dos sonhos,
os cubiculos dos desenhos , as offici-
nas das ideas, as cellas dos cuydados
os theatros em que por sonhos faziaõ
os Demonios comedias dos pecca-
dos.

Neste monre do corpo humano
assistiam os quarteis dos cinco senti-
dos , por estes becos se alojava a in-
fantaria dos torpes , & vãos pensa-
mentos , nas portas de palacio esta-
va de guarda a companhia dos lasciv-
os, aitos destes buracos , noutro
tempo de espiritos vitæes bem guar-
necidos , rompia o povo das iras , o
povo dos mais rebeldes affectos , &
todas estas praças , & conquistas do-
minavaõ dous tyranos, amor, & odio.
Com

DE MAREAR. 73

Com toda a fabrica que esta bola do mundo pequeno teve, & com toda a lastima, q̃ se vê, avisa o Espirito Santo pelo Ecclesiastico, a todos os mortaes, dizendo: *Memor esto judicij mei.* Lembrate cabeça viva, desta morta: & olha, diz ella, q̃ fuy como tu es, & tu has de ser como eu agora sou. Vamos medindo, ou pezando com este horrivel astrolabio, o que foy, ou que podia ser esta caveyra em toda a latidam da humana esfera, & extenção da gloria mundana que podia ter esta caveyra sendo viva? Tiara de Pontifice, Coroa de Rey, chapèo de Cardeal, mitra de Bispo, barrete de Clerigo, capello de Frade, borla de Doutor, chapeo de Homem, toucado de Mulher. Que mais podia ter esta caveyra,

ra,

ra em sua vida? Huns crespos , & polvorizados laços do mais a gradavel pêlo; sobre este castello podiam brilhar plumas, tremolar bandeyras, & agora despejada de todas essas insignias, roubada de todos esses vaõs, artificios, nem sombra he do que foy.

O que por natureza foy obra em que o Ceo se deteve, fabrica em que a Omnipotencia se esmerou, & a Trindade seempenhou, està em estado, que causa asco, horror a quem a vê, hontem, se pôde dizer era rosto de Anjo, cabellos de ouro, cor de neve, olhos como estrellas , dentes de perolas ; & agora que he? Digam os dous Principes da poesia Latina , & Portugueza. *Fuit lilium, & ingens gloria Teucrorum ; & campus ubi Troja fuit.* E a Portugueza, q̃ dis? câpos

DE MAREAR. 75

pos bemaventurados , tornados agora tristes. E na outra parte: Ireis ver ao cristal, os olhos bellos , & os não vereis como dantes eram. Com razam o tempo da vida he como o reposteiro, que arma os paços de tapeçarias, & bordados , acabada a festa torna a desfamar os ricos pannonos , & preciosas colgaduras , deyxando as paredes nuas, & frias. Acabase a festa da mocidade , desfamaõ-se as lindas armaçoens dos tenros annos, & o melhor frontispicio da natureza humana , por violências da morte, & roubos da sepultura, fica da sorte que vedes.

Amadores da vaidade , idolatras do mundo, notay que nesse signo de Escorpiam , neste horrendo aspecto , & medonha visãõ se ha de tornar todo

do o soberano, pomposos rico, deley-
tavel do mundo: a caveyra do Prin-
cipe, a caveyra do pobre seraõ diffe-
rentes para os applausos da fama,
mas iguaes nos estragos da morte:
morre o pobre: morre o Principe;
porque a morte não perdoa, nem
aos palacios dourados, nem aos pas-
toris albergues: & que mais tem os
ossos, & a caveyra do Principe, que
a do pobre? menos tem, ou menos
duraõ os ossos do Principe, porque
como são ossos mais mimosos, que
se creáraõ nos regaços da fortuna,
mais depressa os corrompe a morte,
& gasta a terra: & na parte da cavey-
ra, q he a reliquia mais perduravel,
taõ caveyra he a do Principe, como a
do pobre, a do illustre, como a do
humilde, a do rico, como a do po-
bre,

DE MAREAR. 77

bre, a do sabio , como a do idiota, a do senhor, como a do escravo.

Aquella soberba estatua que atormentou a idèa , & eternizou a memoria de Nabucodonosor , diz o sagrado Texto , que tinha a cabeça de ouro, os peytos de prata, o ventre de bronze , as canas de ferro, os pès de barro, bastou huma pedra atirada sem mão, para derrubar aquella arrogante fabrica em que altiva Magestade unio artificiôsa os mais preciosos metaes- que formou a natureza. Nam reparo em que a pedra logo topasse no barro , havendo na estatua em que fazer mais subido emprego; reparo só em que este ouro, esta prata, este bronze, este ferro, de que se compunha a estatua , todo se tornasse em terra: *Redacção quasi*

Dan. *quasi infavillam æstivæ aræ.* O ou-
 2. 35. ro derretido deyx a fezes de ouro, a
 prata cinzas de prata, o bronze cinzas
 de bronze, o ferro cinzas de ferro:
 logo como diz a Escritura, q̃ nada
 ficou na estatua, que se não tornasse
 em terra? Ora foy mysterio, foy es-
 pelho em que aprendessem os mor-
 taes. Nesta estatua consideram alguns
 Doutores hum teatro da fortuna, no
 ouro a mais alta Magestade, na prata
 a fidalguia, no bronze a nobreza, no
 ferro a valentia, no barro a mecha-
 nica: ponde essa estatua em pé, ve-
 reis ouro, vereis prata, vereis barro:
 venha abayxo a estatua, amayne essa
 soberba: em que se torna a chimera
 de metaes a organização dos Imperi-
 os? Em terra se torna tudo *Infavillam*
æstivæ aræ.

DE MAREAR. 79

Nabucos , Cesares , Augustos , Pompeios, Claudios, Tiberios , Alexandres, Scipioens, Annibaes, Demetrios , Cressos , Darios , Marios , Sillas, lembrayvos de mim : *Memor esto judicij mei* diz esta caveyra. Tanto os que vivem no paço, como os q̃ trabalham no campo, sam caveyras vivas, q̃ ham de ser como esta cabeça morta sem differenças; nem distinguam, assim como haõ de ser todos iguaes na terra, & cinza: *Æquat omnes cinis*: diz o Seneca: tambem nas caveyras não ha desigualdade, nem distincão alguma, em vida haverá melhor cabeça, mas depois da morte nam ha melhor, nem peor caveyra, alto, & bayxo, tudo he caveyra: *Sic enim erit, & tuum.*

Se esta caveyra tem ordem, & licença

cença para fallar : *Memor esto judicium* meo tambem eu tenho licença para lhe dizer: Caveyra, onde estão os teus cabellos? lembrete, que quando os penteavas, fazias de cada prizaõ dourada hũ laço para os olhos, hum engão para os sentidos. Que he feyto dos negros das sobrancelhas, como arcos, settas, & arpoens, que por serem negras por natureza, ou por artificio, tanto esforçavaõ a neve, & o burnido da testa? Estas lapas, que tiveraõ a dous soes por hospedes, como estaõ secas, escuras, & solitarias! Que novas ha dos ouvidos? para onde foy o padar, amigo de bons bocados? Que caminho levàraõ os dous Cardeacs amicissimos do Papa. E já se desmanchou o portal de nacar com a galaria de marfim? Que sa-
cri-

crilego pirata roubou a deidade, que
nesta caveyra se adornava? Ah cruel
arpia! ah morte! ah bichos famin-
tos, & raivosos! desta maneyra des-
truistes a melhor peça do compolto
humano, sem nos deyxares mais que
esta carranca de ossos, este despojo
da sepultura, este espectáculo da
fealdade.

Tempo sey eu, em que as luzes
que animou a bizzaria para illustre
excesso dos melhores astros, agora
são Estrellas desencaxadas, Soes
escurecidos; se noutro tempo as en-
graçadas faces foram matizes que
animou a gentileza, para desprezo
galhardo das persumpçoens da Rosa,
consumido o resplendor, morta a
viveza, extinguiu a morte o primo-
roso retoque dos esmaltes dos câpos.

a lemetria dos accidentes, a fisonomia das feyçoens para exemplo, para escarmiento dos presumidos Soces da terra. Elena antes de ser cavēyria, vio num espelho a fragilidade da forma, a mudança do tempo na mudança do seu rosto; & diz Plutarcho, que ria, & chorava: riase aos excessos, que por seu respeyto se cōmeteram, despovoarse Gricia, abraza-se Troya, pelear-se Deoses entre si por amor della: mas tambem chorava de ver com os seus olhos, o que já era escandalo da vista, a que fora idolo de tantos olhos, & de ver em si executada a cruel sentença do tempo; dizem que com payxam se enforcàra, & quanto melhor lhe fora verse neste espelho, que talvez com elle melhoràra a vida, enforcàra a vaidade.

a vaidade, que a fez perder a vida.

As Elenas, Libias, Europas, pezemse neste astrolabio, & veraõ como nos alterados mares da presumpção he falsa, & vãa a sua fermosura: aprendão tambem os Nabucos, & saibaõ que tem o Ceo pedras, para fazer em meuda arca a mais soberba estatua do mundo: aprendam os Absaloens, que cabellos de ouro servem hoje de ornato, & à manbãa de desengano; aprendaõ as Racheis, que brevemente seraõ Saras, & de Saras passaráõ logo a caveyras; & desenganem se as Saras, que já não são Racheis; não queyraõ contradizer a seu Creador, reformando, & emendando com ensaytes, o que Deos formou, porque as não desconheça na resurreyção geral com o *Nescio*

vos , das Virgens loucas: aprenda-
 mos todos que as figuras que appare-
 cem, ou desaparecem no teatro desta
 vida, vistas, ouvidas, & cheyra-
 das, goliadas, apalpadas, em quanto
 vivas, são torpezas enfeitadas, hor-
 rores prateados, caveyras douradas;
 depois de mortas, he o que vedes. O
 mundo, diz S. Paulo he huma figu-
 ra universal, que se compoem de
 muytas figuras, he figura que vay
 passando mostra: *Præterit enim figu-
 ra hujus mundi*: em vida vereis as fi-
 guras do mundo bem vestidas, & bẽ
 trajadas, mas depois que passam à
 banda dalèm, que vão para outra vi-
 da, vem-se desfiguradas, & tão mu-
 dadas como esta q̃ aqui vedes; & se
 quizesse Deos que a mudança desta
 figura fizesse sempre em nós alguma
 mudança.

I. Cor.
 7.31.

Ce.

Celebrava Cortes em Toledo o Emperador Carlos Quinto, quando a morte, que igualmente piza palacios, & cabanas, cortou no mez de Março, mez de flores, a mais celebrada fermosura daquelle seculo, a Serenissima Emperatris Augusta Dona Izabel: para se levar o defunto corpo a Granada, elegeo o Emperador da fidalguia Espanhola o mais illustre, & luzido da Corte, encomendando aquella pia, & religiosa acção ao Marquez de Lombai, que depois foy Duque de Gandia: chegaraõ a Granada, abrio-se o caxão, & que se vio? Aquelle rosto, que dantes era maravilha da natureza, reduzido a hum a cifra da fealdade, taõ mudado, & denegrido estava o rosto da Emperatriz, que o

Marquez attonito , & compungido, logo alli dentro de si se resolveo a nam servir mais a quem lhe ouvesse de morrer: entrou na esclarecida Religiaõ da Companhia de Jesu; entregou-se todo â penitencia, humildade, & oraçaõ; viveo, & morreo taõ Santo, que a Igreja o tem já posto nos Altares , com o nome de Sam Francisco de Borja, com huma coveyra na mão , instrumento de sua prodigiosa conversam.

Flores do mundo com almas racionais, vedes como se murcha como se seca, & fica taõ fca, & disforme a melhor flor da vida? Aqui se vê o que vio S. Joaõ no seu Apocalypse, o feno verde queymado: *Omne fanum viride combustum est*: se a flor do feno, com que Isaias compára a gloria

Apoc.
8.7.

gloria, & fermofura do mundo: *Omnis caro fanum*, & *omnis gloria ejus quasi flos agri*, se queyma, & abraza pondo se neste estado, *combustum est*; alerta flores, q̃ para nós he a fouce, & o cõrte mais certo da morte: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.*

Na Monarchia das flores a que brota mais linda, qualquer vento a desfolha, qualquer desabrigo a murcha, qualquer inclemencia a mata, & não sem lastima vereis as flores embaladas no breço da manhã, mortas, & sepultadas no occaso da tarde, de toda aquella pompa com que amanhecem presumidas, se cortam os, capuzes, com que a noytecem pallidas, & amortecidas; o mesmo que as anima, he verdugo que as desbarata.

omescendo orvalho, que as enfeyta,
he aspide que as ensovalha, nascem
tomando os postos mais altos, pos-
pondo o credito de recatadas á lison-
ja de bem vistas, & pela liviandade
da fermosura, escusando o desengano
do pó da terra, no arachão o escar-
mento, no castigo com q̃ as desbara-
ta. Da rosa diz Plinio, q̃ he a derra-
deyra que florece, & a primeyra que
perece; *Novissima rosa ea, quæ pri-
mo deficit.* E porque a rosa, por ser o
melhor emblema da fermosura, está
tida por Rainha das flores; quero no-
ticiar aos q̃ nunca a viraõ, o seu nas-
cer, & acabar no mesmo dia, para q̃
se cõbine a noticia da melhor flor cõ
a vista da que murchou nesta caveira.

Forma-se a rosa em hum botaõ da
mais rica tela, que se teceo nos tea-

DE MAREAR: 89

res da natureza; todo salpicado, & brincado todo dos liquidos aljofares, com que a Aurora borda as flores: o Sol, que do palacio do Oriente vé nascer a rosa, começa a galanteala ainda infanta nas mantilhas de carmesim, & logo nos mais brandos, & dourados rayos manda Embayxadores para o casamento que pertende: se os Ceos foram jardins, não hà duvida que a rosa fora Rainha, onde o Sol he Rey: com o recado dos Embayxadores do Sol, abre a rosa o Ceo da sua fermosura, descobre-se o thesourò das belezas, aparece a gloria das plantas, o primor das flores, a perola do prado, brilhaõ as purpuras nas rutilantes folhas, perfumam os Ceos as odoríferas exalaçoens, pasmaõ os olhos de ver
tal

tal lindeza em tão pequena planta ;
ajuntamse em cortes todas as flores ,
& vendo na rosa a fôrma digna de
imperio as insignias reaes de purpu-
ra, da coroa, & guardados espinhos ,
todas de commum consentimento
a aclamaõ, & juram a rosa por Rai-
nha das flores , com certas demon-
straçoens de alegria , com as armo-
nias das aves, danças dos ventos, re-
piques dos arvoredos , descantes dos
rios, todas a huma voz clamam ,
Viva, viva a rosa; mas quanto vive
a rosa, quanto dura o seu reynado ?
O Thema da caveyra o diz : *Mibi
heri , tibi hodie*. Honrem por mim ,
hoje por ti: sô hum dia tem de vida
a Rainha das flores ; he efimèra de
hum dia a rosa, pela manhã coroa
ao meyo dia trono , á tarde doença ,
à noy.

à noite mortalha: *Quam longa nua dies,
ætas tam longa rosarum.*

Ao que responde a caveyra. Nos
quoque floruimus, sed flos fuit ille ca-
ducus. Tambem nós florecemos, mas
o que floreceo, foy como orvalho da
noyte, que se derrete em aljofar so-
bre as esmeraldas do campo, que aos
primeyros ardores do Sol se seca, as-
sim como flor, assim como orvalho
que cria as flores, se seca, & murcha,
acaba o brio, a suavidade da cor, &
proporção de feyçoens, & não dey-
xa de admirar, & confundir ver os
extremos da gentileza transformada
nos methamorfosis desta deformida-
de.

Forão os Soldados buscar o corpo
da Rainha Jezabel, para lhe darem
sepultura, & diz a Sagrada Escriptura

tura, que não acharão mais que a caveyra : *Non invenerunt nisi calvariam*; Reg. 9.35. pegão da caveyra, & de admirados, & confusos perguntaõ : *Hæccine est illa Jeshabel?* Esta he aquella galharda Princeza de Israel, & celebrada Jezabel? esta he a que estudava enfeytes na livraria dos espelhos? esta a q̃ tomava pontos na cara, & com falsas tintas cayava as envelhecidas taipas das faces: *Hæccine est illa Jeshabel*; Esta a que nas janellas de Palacio se vendia por ramilhete da natureza: *Hæccine est illa Jeshabel?* Vedes camaradas em que se tornou o Imperio, a pompa, a gala, o melindre, a jactancia, a soberba, a tirania de Jezabel? Sim bellezas enganadas, & enganadoras; desta sorte se hade murchar, o que a vossa ceguey
ra

ra chama rosa, desta sorte hade cahir
o idolo, q' a vossa locura? appellida
estrella, desta sorte se hade eclipsar
a luz, que o vosso engano aclama Sol:
Sic enimerit & tuum.

Entrou Noemi em Belem, sati-
raõ as molheres a ver aquelle pãmo
de fermosura, & rompendo em vo-
zes publicas diziaõ. *Hæc est illa Noe-*
mi? Esta he a famosa Noemi, por Rur.
1.19.
antonomasia a fermosa? Já nam sou
essa, respondeo Noemi, que quer di-
zer fermosa: *Ne vocetis me Noemi;*
idest pulchram, porque os trabalhos,
os desgostos, & penalidades da vida
o tempo, & suas mudanças, foraõ os
instrumentos com que Deos affligio,
& humilhou a minha fermosura:
Quam Dominus humiliavit, & affli-
xit omnipotens; & que mais abatida, q'
mais

mais humilhada , & castigada , pôde estar a fermosura do mundo , do- que nas caveyras, ainda das que foraõ santas como Noemi, Rebecca, Michol, Judith, Esther? Que mayor afronta, que mayor mortificação de huma gentileza desvanecida , que huma caveyra? bastava ser calva , quanto mais caveyra.

Quando os Sagrados Profetas querem encarecer os castigos de- Deos dizem , que fará calvas as cabeças dos peccadores: *In cunctis capitibus ejus calvitium , & omnis barba radetur*: Todas as cabeças seraõ calvas , & toda a barba se rapará, diz Ifaias. As barbas rapadas tem já muytos tomado por sua devoção , ou por sua vaidade, fazendo do castigo gentileza, da infamia bizaria ; sò as calvas

Ifaias

15.

23.

vas não ha quem as tome, por serem
 afrontosas, & sinaes certos da ve-
 lhice ; antes as cobrem , & dis-
 farçaõ muytos com czbelleyras pos-
 tiças , tudo a fim de parecerem
 moços , & gentis-homens , sendo
 velhos , & tal vez mal figurados,
 mas por mais que façam , que cu-
 braõ as calvas , & rapem as bar-
 bas, todos feraõ calvos, diz a Eſ-
 criptura; porque a morte, & a ſepul-
 tura os feraõ bem calvos, lhes fa-
 raõ muy bem as barbas: os barbeyros
 já hoje não barbeaõ ; eſcrevem , fa-
 zendo dos bigodes virgulas, & das
 barbas ponto; mas là eſtão os bichos
 da ſepultura , barbeyros de huma
 arte nova , que rapaõ tambem as
 barbas, & ainda a quem as não tem
 que levão couro, & cabello, & carne
 cum-

cumprindose bem o castigo do *Omnis barbaradetur.*

Supposto que nos vivos andem as caveyras tão disfarçadas, porque andam cubertas com volantes, ou veos encarnados, nas sepulturas, donde sahio esta, não faltam sumilheres da cortina, que tirem as cortinas, & os vãos da pelle exterior, & descubram a fealdade de dentro, à fraqueza da nossa vista se deve agradecer a belleza das creaturas; que se a vossa vista fora de lince, & penetràra os interiores, não foram tão apetecidas; & tão adoradas as caveyras vivas disfarçadas, nem tam estranhadas as cabeças mortas; mas já que o Espirito Santo offerece sem volante aos nossos olhos caveyra sem disfarce, sem volante, sem vèu

vêo, & sem rebuço, & nos manda
 ver nella como em hum espelho vi-
 vo: *Memor esto judicij mei; veja-*
mo-nos todos neste espelho, porque
todos nos havemos de tornar nelle:
Sic enim erit, & tuum.

Os espelhos, como diz Seneca ti-
 veram sua invetiva no conhecimen-
 to proprio, inventaraõ-se para os ho-
 mens se conhecerem vendose nelles:
Inventa sunt specula ut homo se nos-
ceret. Os Philosophos antigos faziam
 tanto caso das caveyras, que nam só
 faziaõ dellas espelhos, mas tambem
 baxellas; comião, & bebiaõ por ca-
 veyras, para entranharem bem o pro-
 prio conhecimento; comiam por el-
 las as virtudes moraes, em que foram
 tam insignes, bebiaõ pelas caveyras
 o contra veneno das vaidades, & so-
 berbas

berbas do mundo. Socrates ufava de tudo , de huns , & outros espelhos, & dizia a seus discipulos, que se vissem em espelhos; & em que fundava o Filofopho a opiniaõ dos espelhos? Dizia que se vissem todos ao espelho ; para que os dotados da gentileza a não afeassem com vicios, & os feyos procurassem a fermosura das virtudes; tivessem de virtuosos , o que lhe faltasse de gentis homens, & que melhor espelho para transformar os feyos em fermosos , os peccadores em Santos, do que huma caveyra.

A soberba he o vicio mais opposto à santidade, & a mayor deformidade d'alma , vendo-se humapessoa em huma caveyra , vendo a fealdade em que se torna a melhor parte
de

do composto humano , vendo , & vendo-se entã vil , & asqueroso retrato, nam pôde deyxar de se humilhar , & compungir , considerando o triste , & miseravel fim que hade ter. O pavaõ quando olha para as suas plumas, & vê os penachos taõ luzidos , & esmaltados de vivas cores, inchase grandemente estende o pescoço , & encrespa-se formando huma soberba roda , mas tanto que olha para os pés , & os vê disfórmes, enrugados, & palidos, logo desfaz a cola , abate a roda , & fica triste : o que succede ao pavaõ com os pés , nos hade succeder a nós com a cabeça : elle com a fealdade dos pés abate a roda, a soberba: nós com a fealdade da cabeça , nos havemos de humilhar da cabeça até os pés: o pa-

vão com os pês, q̃ he o seu fim, se humilha; o homem com a caveyra, que he o fim do fim em que se torna com o fim da morte, que vê na caveyra, abata as rodas da presumpção, deyxê de ser soberbo, & será logo santo: veja-se neste espelho, que com ser tam escuro, he mais claro que o cristal para os desenganos da vida. Os espelhos de vidro foram inventados, como disse o Estoico, para conhecimento do homem, & elles sã os que fazem o homem mais desconhecido, porque como se vem nelles por vaidade, como nelles se enfeytam para enganarem, enganando-se a si proprios, como se compoem para descomporem, como se matam para matarem, sã muy diversos os vossos espelhos, deste,

D E M A R E A R. 101

os vossos christaes, as vossas venezas
 sam os q̃ vos matam vendo vos nel-
 les. Estes feyos, & medonhos retra-
 tos mostramvos a verdade, dizem-
 vos o que sois, o q̃ haveis de ser, &
 nesta representaçam pôdem trans-
 formar em justos os mayores pecca-
 dores do mundo.

Vendo se Narciso, (sirvamonos
 tambem das humanidades) vendo-
 se Narciso no liquido christal de hu-
 ma fonte, namorou se de si mesmo;
 meteu os braços na derretida prata :
Brachia mersit aquis, & não achando Ouv.
 mais que agoa, exclamou, dizendo: Meta.
 Para que foges de mim, belleza cris- 1.6.3.
 talina, ou christal animado? Nam sou
 tam feyo, nem tam velho, para que
 me desprezes; mas que he isto, que
 vejo? querote abraçar, & tu tam-
 G iij bem

bem queres, & não podemos mas
ah, q̃ já me entendo : eu sou o mes-
mo que me busco, & que me retiro.
Triste sorte ! cruel praça! na flor da
idade me tiras a vida? Com as lagri-
mas, que como perolas faltavaõ nos
cristaes da fonte, turbou a agoa, des-
fz-se o espelho: *Et lacrymis turba-
vit aquas*, entaõ mais louco, & fu-
rioso o martir da gentileza, de sabro-
xou impaciente os nevados, & ten-
ros peytos, & com tal furor os ferio
*Nadaque marmoreis percussit pecto-
ra palmis*: assim como o Sol derrete a
neve; & o fogo a cera se foy gastan-
do; & consumindo o bellissimo man-
cebo, quando as Ninfas acodiraõ
para lhe fazerem as exequias, já
Narciso estava convertido, & trans-
formado em huma flor, q̃ se chama
lirio.

*Croceum precopore
flore*

Ov.
lib.
1. 3.

*Inveniunt folijs medium cingentibus
albis.*

Quantos Narcisos, & Narcisas
sem serem fabulas se namoram de si
mesmos nos seus cristaes, nos seus es-
pelhos? para se cumprir nelles, &
nellas a profecia de sam Paulo dos
tempos perigosos em que os homens
chegariaõ a serem namorados de si
mesmos: *Instabunt tempora pericu* 2. Ti
losa, & erunt homines se ipsos amantes, 51.
perdidamente se amão, os que
nos espelhos se vem, & revem, para
serem profanamente amados. Quem
pudera entaõ interpor este espelho
mais claro que o de cristal com que
se enganaõ, & com que se matãõ os
Giiij espel-

espelliados? Narciso, vendo-se no cristalino espelho da agoa, dizia que se nam enganava, *Nec me mea fallit imago*, & enganou-se elle tanto com o seu espelho, que por amor, delle se matou a si mesmo: a si se matam muytas almas vendo-se em espelhos, sem verem a vaidade q̃ os engana, sem atençaõ que os cega, & a cegueyra que os mata.

Os espelhos em que se vem os Narcizados, representam rosas, & jasmins, mas debayxo da rosa, & do jasmin da mais linda cara, estâ a cobra enrolcada, a serpe escondida: no espelho de vidro vese à cobra pintada, o cepo enfeytado; mas neste espelho vese o cepo, descobrese a fealdade: este espelho si, que faz quebrar espelhos, pizar soberbas, aborrecer

recer vaidade. A fortuna do mundo
chamase vidrenta, porque os anti-
gos lhe consagraraõ hum templo de
vidro: quem se vê neste espelho, es-
cusa de se ver nos de vidro: porque
acha o mais sobido, & verdadeyro
conhecimento de si mesmo nos de
vidro engana-se com as fallas, & ap-
parentes imagens do mundo, quem
usa deste espelho, de tudo zomba,
do espelho de vidro, & da fortuna
de vidro, quem se governa por este
relogio, nam se pôde achar errado,
na hora da morte, quem com este as-
trolabio mede os astros da terra,
peza os caducos Soes do mundo,
poem-se na altura do Ceo, chega em
paz ao porto da salvaçam, para este
fim diz a caveyra que nos lembremos
do seu juizo, do seu fim da sua mor-
te

te, & do estado em que a vemos. *Memor esto judicij mei*, para que tenhamos de prevenir o futuro, chorar o passado, emendar o presente.

vedes? ouvis? acabais já de vos desenganar o que he o mundo grande & pequeno? o que he a vida em folha, em flor, em fruto? o que se tira da morte, & da sepultura, o triste padecimento dos amantes, & amado sem dos seus zelos, ciumes, suspiros, saudades, correspondencias? Em ossos de finados se finalizaõ as finezas dos amâtes. Santo Agostinho depois que vio o amigo morto, então creio que era mortal, quando, vivo, pelo muyto que o amava, pareciahe que não havia de morrer: *Ille quem quaj*

Aug.

Conf.

14.

non moriturum dilexeram mortuus erat
Vendo morto o amigo desengana
nouf

nouse que a ametade da sua alma,
Dimidium animæ meæ, se podia a partar,
 & deyxar a outra ametade: a melhor
 prenda que os antigos pôdem dey
 xar aos seus amantes, ou amados, lie
 esta reliquia, este espelho da morte:
Memor esto judicij mei, pela virtu-
 de que tem para reformar a vida.

Finalmente vendo-vos nos vossos
 espelhos, não vos vedes bem por-
 que não vos conheceis cabalmente,
 nem comprehendéis o que sois, &
 haveis de ser; como neste espelho
 em que não sô vos vedes, mas vedes
 a todos, & a tudo o que no mundo
 ha de mayor estimação, & agrado,
 vedes que nisto paraõ as fermosuras
 mais celebradas nas divinas, & pro-
 fanas letras, vedes que nisto se tor-
 não todas as fabulas do mundo, as
 poten-

potencias de Jupiter , as arrogancias de Marte, os roubos de Platan , as negociações de Mercurio, os juizos de Paris , os raptos de Ganimedes , as intemperanças de Baco , os deleytes de Venus , as travessuras de Cupido, as presumpções de Pallas, as riquezas de Juno , as nobrezas de Cibelle, as cabeças de Meduza , as maçans de Atalanta , as sensualidades de Flora, os encantos de Medea , pois espelho tam grande no que representa, no que alcança , no que descobre; espelho tam claro, tão vivo para destruir vaidades , & humilhar soberbas, nam no ha como este he mais engenhoso , & poderoso este espelho que todos os espelhos de Archimedes , que com os rayos do Sol queymaram hũa armada. Hu-

ma caveyra com hũ sò rayo do Sol de Justiça, com huma tẽ inspiraçam do Ceo, basta para destruir, & abraçar quantas armadas poem no mar deste mundo o inferno, quantos exercitos pôde pôr em campo a vaidade do mundo.

Em Pariz havia hum Prêgador da Ordem de nosso Padre Sam Domingos, que costumava pelas Quaresmas sabir a prègar pelas Cidades circunvisinhas. Certa Matrona de mais vaidade, que virtude, pediolhe que quando viesse na seguinte Quaresma, lhe trouxesse hũ espelho de Pariz. Prometeolhe o Religioso que de boa vontade o traria, como fez na Quaresma que logo se seguiu, & antes de lhe mostrar o espelho, disse que mandasse ajuntar a familia

milia , & a vizinhança, para verem todos o espelho de Paris , que tinha muyto que ver: junto ao auditorio, tira o Prégador de huma caveyra , & diz: Vós senhora me pedistes, hum espelho de Pariz , eis-aqui o melhor espelho que ha em Pariz , & em todo o mundo, não para toucar primaveras , concertar cabellos , pintar corações, mas para reformar costumes, desfazer vaidades, desenganar loucuras: esta caveyra foy o que vós agora sois, vós brevemente fereis o que ella agora he. Pasmáraõ os ouvintes a senhora da casa que pedio o espelho, foy a que mais se aproveytou do lanço da caveyra , porque mudando de cores , mudou de costumes, desprezando , o mundo , & suas vaidades, buscou a melhor , & eterna

terna fermosura.

Aqui tendes Chriſtãos o melhor eſpelho que ha no mundo , nam dos que com falſo reſplendor enganamos que nelle ſe vem para ſerem viſtos; mas he eſpelho eſte , que com eſcuro , & deſcorado goſto vos deſengana, clara, & efficaçmente diz que aſſim como o vedes haveis de ſer: *Sic enim erit , & tuum. Quasi dicat, diz Lyra, feſtines operari bonum dum vivis , quia poſt mortem non poteris. Que vos reſolvais logo a obrar bem em quanto ſois vivos, porq̃ depois da morte, depois de caveyras o não podereis fazer: o meſmo diz São Paulo : *Dum tempus habemus , operemur bonum; ſe agora que tendes tempo o não fazeis, depois pôde-vos faltar o tempo, pôde-vos ſucceder como a Anni-**

a Annibal na batalha das Canas: *Cum potui nolui cum volui non potui* : Quando pude não quiz ; quando quiz nam pude ; & quem agora pôde , & nam quer , diz S. Agostinho ; que depois quando quizer não poderá , & achar-se-ha à porta inferi com as Virgens loucas do Evangelho , por estar já fechada a porta do Ceo : *Clausæ est janua*. E se esta caveyra , diz Lyra que diz : *Quasi dicat* : pois se he defunto que falla ; *defunctus adhuc loquitur* ; quero que me responda a humas certas perguntas.

Quem es , cabeça morta , ou quem fostes , cabeça viva ? fostes por ventura de algum Pregador , que mais pregava por interesses do mundo , & falias aérias , do que por gloria de Deos , & salvação das almas ? Per-

gun-

DE MAREAR. 113

gunto, se acaso fostes , não me digas
o nome de algum Religioso , que
estando sobre as amarras dos votos
solemnes da Religião se perdeu , ou
de algum Sacerdote secular , que
tendo Ordens sacras, por sua desor-
denada vida fosse condemnado à quel-
le lugar, onde diz Job , que não ha
ordem alguma: *Vbi nullus ordo* , mas
horror, & confusão eterna: *Sed sem* ^{Job.}
^{10.29}
piternus horror inhabitat : senam es
de pessoa Ecclesiastica , serás de al-
gum rico avarento q̃ por ser bolça
do demonio , mialheyro do inferno
comprasse a tua condenação com o
seu mesmo dinheyro : bem poderá
ser de algum mercador , que por
usuras , & enganos mercasse a dor
que padece no outro mundo : nam
sejas tu de algum Ministro , ou offi-
cial

cial de justiça, que por condenar, se
condenasse, & quem me diz a mim
que não será esta caveyra de algum
ladraão, ou homicida, que na cadeia
do inferno paguem o que cá não pa-
gáraão: de molher tem hum sinal, &
se he das que se sustentaão, & ves-
tem de peccados, já experimentará
o que não queria crer, que por de-
leytes momentaneos se dam tor-
mentos eternos; tambem poderá
nam ser de molher perdida, mas de
homem perdido por molheres; &
estes diz a Elscriptura, que são muy-
tos os que se condenam: *Propter spe-
ciem mulieris multi perierunt.* Cavey-
ra, porque nam acabas de te decla-
rar? se estás muda, porque o teu pec-
cado foy mudo, dizeme se es de alguma
pessoa que por vergonha encubrio
pecca-

DE MAREAR. 115

peccados na confissão, & por isso se condenou; se a caso es, dize cavey-
ra, que déras agora se tiveras lin-
gua para te confessar; que differas,
& que fizeras, se tiveras esta sô hora
que tem este meu auditorio?

Caveyras vivas, a proveytar da
occafiaõ, q̃ he calva, & muyto mais
da occaffiaõ que he caveyra, porque
esta sem fallar, falla sem palavras,
move sem lingua, amoefta, & cla-
ma, q̃ façamos o que ella já nõ pô-
de fazer, antes que nos vejamos no
seu estado, q̃ nos aproveytemos da
vida para a penitencia, da boca para
a confissão dos olhos, para as la-
grimas do coração; para o pezar, &
para que seja sem dilação alguma.

Aqui tendes o calvario em pe-
zo, Christo crucificado sobre a ca-

Hij

veyra

veyra , *In eum qui dicitur Calvariae locus*, apar do defengano o remedio , a misericordia sobre a miseria , & cõ hum descante de arpa. & cravo, Cruz & caveyra, a letra que ao som dos dous instrumentos canta o Salvador do mundo, he esta : *Popule meus quid feci tibi, aut in quo contristavi te? responde mihi.* Pergunta o Senhor da Cruz ao seu povo, q̃ he o que lhe fez, em que o molestou para o offender, & tornar a crucificar, & diz que lhe responda : *Responde mihi.* Eu Senhor por ser o mais comprehendido na queyxa que fazeis, quero responder por todos os peccadores , antes que os peccados clamem, & respondam, como diz Isaias: *Et peccata nostra responderunt nobis.* Já que he tal o vosso amor que quereis vòs

Isaia
59.12

DE MAREAR 117

vós respondamos, dizemos que como fostes crucificado sobre o monte das caveyras, & sobre a caveyra do primeyro peccador foy arvorada a vossa Cruz, tribunal da vossa clemencia, agora que com o astrolabio desta caveyra estamos desengannados, & arrependidos das vaidades do mūdo, damos por resposta a petiçam do bom ladram no mesmo monte das caveyras: *Domine, memento mei, dum veneris in regnum tuum*: nam temos Senhor outra resposta que dar ás vossas justas, & clementissimas queyxas, que fazeis de nós, mais que pedirvos que vos lembreis de nós, usando com nosco de misericordia, antes que sejamos caveiras, & por final da dor que temos de vos havermos offendido, & do proposito firme de nunca

vos offendemos, & desprezando, &
aborrecedo os enganos do mun-
do, damos por volta da letra, que
nos cantastes, misericordia, miseri-
cordia.



LAMENTAC, AÕ.

*De hum Christaõ , arrependido no suave
canto do Sabeã da praya Rouxinol,
ou Melro do Brasil.*

PROLOGO.



S Aves, diz Santo A-
gostinho, proferem vo-
zes q̃ parecem huma-
nas, humanas aprendem a
fallar , outras sem as
ensinarem fallam como são os passa-
ros que nesta terra cantam , di-
zendo clara , & distintamente , bem
te vi , bem te vi ; outros , di-
zem, já he dia: já he dia; & outros ,
triste dia ; triste dia ; mas de todas as
Aves musicas, que voaõ , & cantam

Videa
mus
enim
has a-
ves, &
multa
canere
& so-
nare
quod-
dã hu-
mana
voce.
Aug.
lib. 1.
de mu-
sica.

Hiiiij

por

por este emisferio, o Sabeá da praya
he o mestre da Capella pelo muy-
to, que arremeda o Melro, & Rou-
xinol de Portugal, para huma la-
mentação tem linda voz, alta, agu-
da, suave, enternecida; passaro so-
litario, & penitente no canto, no
habito, na habitação: & o canto,
como digo, suavemente triste, senti-
damente quebrado, ou sostenido, a
côr das penas he parda com suas lis-
tas brancas, a habitação a mais de-
serta, & desabrida, a praya de que
toma o nome: ha outros Sabeàs que
habitão pela terra dentro nos bos-
ques, & prados amenos, & delicio-
sos, mas o Sabeá da praya, como A-
nocoreta, ou Eremita mais retirado
do mundo, nas solidões, & desem-
paros das prayas, nas inclemencias,
&

DE MAREAR 121

& rigores do tempo, passa a vida cantando, ou chorando, & por isso o Real Profeta David vendo nas Aves do Ceo tantos exemplos de vida austera, & penitente, dizia que era passaro solitario, Ave do monte Pellicano da soledade, dos passaros mais recolletos tirava o penitente Rey retiros do mundo, abstrações das creaturas, & dos seus cantares os prantos dos Psalmos; entendi, que com as mesmas vozes que as Aves do Ceo cantão, louvando a Deos, choram lamentando o peccador; o que ao vulgo parece canto a David parecia choro, & não lhe parecia mal, porque de todas as musicas das Aves, nenhuma agrada mais a Deos, como consta do livro dos Canticos, do que o da Rola, que he

ge-

Sicut
passer
solita-
rius in
tecto
Psal.
101.8
Trás-
miga
in mó
tem
sicut
passer
Psal.
10.1.
Simi-
lis fa-
ctus
sum
Pelli-
cano
solitu-
dinis.
Psal.
101.7

gemer, & suspirar; se a nossa alma,
 diz o mesmo David, he como passa-
 ro tirado do laço, se arrependida, &
 agradecida quizer cantar, ou pa-
 ra melhor dizer, chorar, suspirar,
 & lamentar, que he para Deos o
 melhor cantar, fizesse Sabeà da pra-
 ya: no suave, & enternecido canto
 desta retirada Ave lamente, chore,
 clame, lamente as misérias desta vi-
 da; chore a seus peccados, clame á
 Divina misericordia, que gosta muy-
 to dessa musica; & se o Serafico Sam-
 Boaventura Doutor, faz da alma
 devota filomela; hum Sabeà da pra-
 ya, que he o Rouxinol do Brasil,
 porque nam farâ a figura de huma
 alma penitente, por nos nam tirarmos
 de Aves? Dosays da Aguia do
 Apocalypse Rainha das Aves, to-

Vox-
 turtu-
 ris au-
 dita
 eit in-
 terra
 nostra
 loner
 vox
 tua in
 auri-
 bus
 meis
 voz
 enima
 tua
 dulcis
 Cát. 2
 Anim.
 nostra
 sicut
 passer
 erepta
 eit de
 laqueo
 venâ-
 tium.
 Psal.

25.7.

màra o metaforico Sabeá da praya
o fundamento da sua lamentaçam
para honra, & gloria da Ave chea
da graça, da Senhora do Rosario,
advogada dos peccadores, consola-
çam dos affligidos, alento dos peni-
tentes.

Vae, vae, vae, habitantibus in terra.

Apoc. 8. 13.

AY, ay, ay, tres vezes ay, ay,
dos pensamentos, ay das pa-
lavras, ay das obras que habitam
na terra de que sou composto, ay das
tres potencias d'alma, tam mal em-
pregadas nos moradores, da terra,
ay do entendimento perdido, ay da
vontade cega, ay da memoria de-
sencaminhada, ay dos habitantes
da

Vz
nobis
quia
pecca-
vimus
Tren.
s. 16.

da terra em que o apetite reina, & a
razam obedece, ay dos habitadores
da terra, que se não lembraõ que
saõ terra, ay dos que vivem na ter-
ra, em que ha peccados como terra;
ay sobre os ays do Ceo, pelos casti-
gos que a ameaçam, pelas condena-
çoens que pronosticaõ; ay de nós que
peccamos, diz Jeremias; ay de mim
que pequey mais que todos, porque
os rayos de Deos justamente irado
nam cayam sobre mim, que mais
que todos os mereço, ou sobre a
terra em que habito por amor de
mim; quero como passaro, como
Sabeà da praya fazer eccos aos ays do
Ceo, à vista do mar, & das areas
destas prayas, quero lamentar os
meus erros, chorar as minhas cul-
pas; o mar batendo, & roncando
nos

DE MAKEAR. 125

nos hombros destas areas , me eſtã
 enſinando , que os meus pecca-
 dos ſam como areas , ou mais que
 as areas , que ſo com o mar da con-
 triçam os poſſo afogar , & consumir
 David chorando ſobre o leyto em
 que peccou, ſe lo nadar em lagrimas
 & aſſim escapou a nado , chorando
 mares de lagrimas. O' ditosa lagri-
 mas , ó ditosa naveta, ó ditosa taboa
 a qual o naufragante entra no por-
 to da ſalvaçaõ diz Agostinho San-
 to, eu me contentãra jã que os meus
 olhos foſſem rios , mas daquelles q
 evantam vozes a Deos em favor dos
 peccadores: eſtes rios, pelo que de-
 o, & eſpero da Virgem do Roſa-
 rio, que ham de ſahir , & entrar por
 quelle mar , que ſe compoem de
 quinze myſterios , como de quinze
 rios

Pecca-
 vi ſu-
 per nu-
 merũ
 arenæ
 maris
 Eccl.
 Mag-
 na eſt
 velut
 mare
 contri-
 tio tua
 Thre.
 2. 19.
 O fe-
 lix la-
 cryma
 o felix
 tabu-
 la per
 quam
 nau-
 fragus
 redire
 poteſt
 adpor-
 tã ſa-
 lutis,

Aug. rios, para isso convocarey quinze
 adfra- rios dos mais celebrados na terra em
 tres in- que habito, para que sahindo pellos
 eremo- meus olhos, façaõ hum mar que pos-
 Eleva- sa desfazer os altissimos muros de
 verút- areas, & peccados, que sam mais que
 flumi- as areas do mar, nam, pago com cho-
 navo- rar sobre os rios da terra, heme ne-
 cem- cessario chorar os rios da terra em la-
 suam. guimas
 Pla. 92
 Lava-
 bo per
 singu-
 las no-
 ctes le-
 ctum
 meum
 & la-
 crimis
 meis
 stratu
 meum
 rigabo
 Psal.
 6.7.

BIBERIBE.

CAPIBARIBE.

AFOGADOS.

JANGADA.

ALGODOAIS.

POIVCA.

CERINHAE:

RIO FERMOZO.

VNA.

TA.

TATVAMVNHA.

CAMARAGIBE.

S. ANTONIO GRANDE.

S. ANTONIO MERIM.

RIO DE S. MIGUEL.

RIO DE S. FRANCISCO.

Nata-
re fa-
ciam
lectū
per a-
bundā-
tiam
lacry-
marū.
Hier.
Quasi

Rios sagrados , Rios misteriosos
 por me representares os quinze rios
 do mar do Rosario : rios da terra,
 que o Ceo a meação com os ays de
 Apocalypse ; rios fermosos , rios
 caudalosos , correy , correy pelos o-
 lhos, o vosso correr seja o meu cho-
 rar, o vosso murmurar , o meu ge-
 mer, & suspirar ; correy pelos meus
 olhos para o mar do Rosario , para
 que esta barquinha, esta alma pecca-
 dora tenha marè de Rosas, chegue a
 salvamento; mas ay que não sey se
 bas.

Rosa
plan-
rata
super
rivos
aqua-
rum
Eccle.
39.17
Omn.
flumi-
na in-
traut
in ma-
Eccle.
1. 7.

bastarã́m tantos Rios para desafogo
 de tantos ays; não sey se o meu pranto
 será mar que cubra as areas; nam
 sey se as lagrimas vêcerão as culpas;
 não he sem dor este ay; nam he sem
 causa esta dor, por q̃ não vejo, nam
 acho, não leyo com quem me possa
 comparar; se busco o primeiro pec-
 cador do mundo, acho nelle cem an-
 nos de penitencia por hum sô pec-
 cado, & em mim não se achará hum
 dia, nem huma hora de verdadeyra
 penitencia por milhares de milhares
 de peccados; se me lembro de Da-
 vid peccador, corrome de não ser
 como David arrependido, se trago
 á memoria as fraquezas de Pedro,
 confudome com as amarguras do
 seu pranto, se olho para a peccado-
 ra do Evangelho, & viro sobre mim,
 vejo

Super
 Humi-
 na Ba-
 bilon.
 illic se
 dimus
 & fle-
 vimus.
 Psal.

136.1.

vejo os seus escandalos em mim, &
 nam vejo nella arrependimentos
 meus: se differ que fuy como o pro-
 digo na relaxaçam da vida, direy
 bem, mas prodigo reduzido, prodi-
 go emendado, com que verdade o
 hey de dizer: A mais certa verdade
 he, ser eu hum peccador tão sing lar
 que no dia do Juizo se verâ que ou
 no numero, ou nas circumstancias dos
 peccados, ninguem me chega
 igualar, & como de mim tenho este
 conceito, cuido que quantos mares
 & rios ha no mundo, não bastão pa-
 ra darem a agua que haõ mister os
 meus olhos, para chorarem culpas,
 que por não escandalizar callo, por
 nam causar horror às creaturas ain-
 da insensiveis, & irracionais, as não
 especifico, as não declaro. O meu

Impij
 quasi
 mare
 fervēs
 Isac.
 57. 20
 Mira-
 biles
 elatio
 nes
 maris,
 mira-
 bilis
 in al-
 tis
 Domi
 nus.
 Psalm
 92. 24

Qui
tentur
cum
male
fecerunt;
& ex-
ultant
in re-
bus
pessi-
mis.
Prov.
cap. 2.

Doutor Santo Agostinho, no li-
vro das suas Confissoens diz que na
sua mocidade fervêra em peccados,
segundo o impeto de seus vicios; elle
fervia como marè , mas eu como
mar , & no mar alto dos meus pecca-
dos. Ah Senhor , & Deos meu , que
admiraveis foraõ as vossas misericor-
dias! quando sem conta, sem peso, &
sem medida vos offendia , me não fal-
taveis com os alimentos da vida , &
auxilios da graça ; quando como se
tivera rematado contas com o Ceo ,
me gloriava , & jactava do mal que
fazia; quando era tam maligno , que
nam tinha outra cousa para peccar ,
mais que a mesma malicia ; quando
finalmente me enganava a mim
mesmo com pretextos falsos , com a
dilação do castigo , confiança na mi-
seri-

sericordia, facilidade do remedio, andava a profia o meu peccado cõ o vosso amor, andavam em competẽcia as minhas culpas com as vossas finezas, os vossos beneficios com as minhas engratidões: valeo-me Senhor nesse tempo, não ser o meu peccado como a vossa graça, ser mayor a vossa Clemencia, do que a minha rebelliaõ; porém agora que alumiado da vossa graça, vejo que aceitais por filho hum escravo de Lucifer, & pondez à vossa mesa a quem era digno de remar na galé do inferno ha muytos annos; agora que conheço a minha maldade, a minha cegueira, agora que alcanço que me merecia estar no mais infame, & doloroso lugar do mundo, & no outro mundo, no mais accezo fo-

go , & refinado tormento , quereis
que leja vosso amigo , quereis que
entre na vossa gloria. Oh misericor-
dias do Altissimo quem mais pude-
ra explicar , & agradecer ? Por isso

Mise-
ratio-
nes
ejus
super
omnia
opera
ejus
Psal.
111.6

David quer que as vossas misericor-
dias estejam sublimadas sobre todas
as vossas obras infinitas , eternas , in-
compreensíveis : à vista pois do que
leyo , & experi nento nas vossas inef-
faveis piedades , tomo alentos , vis-
come de confiança , & armo-me com
aquella razaõ do lume da Igreja São
Agostinho. Vós Senhor sois bom , &
eu sou máo , & ainda que sou muyto
máo , vós infinitamente mais bom ,
& supposto , que por peccador sin-
gular mereça todos os rigores da
vossa justiça , não desmereço , por
arrependido , todos os favores da
vossa

vossa misericordia ; eu fey que com
erem tantas , & tão feas as minhas
culpas , a respeito da vossa misericor-
dia sam como hum faísca lançada no
mar ; com que me resolvo a pedirvos
que me não perdoeis por amor de
mim, senam por amor de vós : & ensi-
noume a fazer esta petição o vosso
servo David , o homem do vosso co-
raçam. Por amor do vosso nome , diz
elle perdoareis o meu peccado , por-
que he muyto, como se o muyto pec-
cado vos desse muyto nome na opi-
niam dos homens : assim : porque
o perdoar faz ser mayor Principe
do que o castigar : porq̃ o meu pec-
cado he muyto mais que o muyto de
David , vos peço Senhor, me per-
doeis por amor do vosso nome ; se o
vosso nome hade crescer conforme

Cogi-
tas
scinti-
lam si
in ma-
re ce-
derit
num-
poter-
itare
aut ap-
parere
quātū
scintil-
la ad
mare
se ha-
bet ,
tantū
homi-
is ma-
litia
ad
Dei.

Clemé a quantidade, & qualidade dos pec-
 tian. cados que perdoareis; que gran-
 Cury. de, & admiravel será o voffo nome,
 hom. pelo perdaõ dos meus peccados!
 de pa- Ninguem vos pôde dar mayor no-
 nit. me do que eu, porque affim como
 Prop- ter no, de min fostes mais offendido que de
 nien todos os mais peccadores, pela in-
 tuum dulgencia, & remiffam dos meus
 propi peccados fereis mais conhecido,
 tiabe- & louvado, quanto mais me per-
 ris doares, mais santificado será o voffo
 pecca- nome, mais glorificada, & applau-
 tomeo dida a voffa misericordia no Ceo, &
 multu na terra.
 eit
 enim.

Pfalm.
 24. 12.

Vã, vã
 yã ha-
 bitan-
 tibús
 in ter-
 ra.

Apoc.
 8. 15.

Dos meus ays, dos meus peza-
 res, das minhas contriçoens, quero
 passar às de todos os habitantes da
 terra, sobre que eftaõ cabindo os
 ays da Eſcriptura, a lamentação não

he

he sò para os peccados particulares ,
 tambem se entende , por amor , &
 charidade , aos dos povos peccado-
 res: & já por peccados castigados.
 Jeremias lamentando a Jerusaleem ,
 dava ays , com bem de lagrimas : Ay Væ ti-
bi Je-
rualé.
Serm.
15.27.
 de ti Jerusaleem , sem eu ser Profeta
 do futuro , mais que testemunha , &
 complice do tempo passado , & pre-
 sente posso lamentar , & dizer por
 esta terra , o que a Agnia do Apo-
 calipse pôde dizer por toda a terra ,
 posso no canto , ou choro do Sabeà
 da praya clamar , Ay , ay , dos que
 morão nesta terra , ay de ti Olinda , Væ ,
Væ ,
væ ,
abitā-
tibus
in ter-
ra.
Apoc.
8. 19.
 ay de ti Recife , ay de todo o Per-
 nambuco : a estes ays , ou eus que câ-
 taõ , ou choraõ os Sabeàs da praya
 por estas trezentas legoas de costa ,
 nam attendem , nem entendem os
 passa-

passageyros, q̃ nam tem lembrança
dos successos passados, nem provi-
dencia dos futuros; mas eu que co-
mo passaro solitario cuido nos meus
peccados, & temo os castigos de
Deos, hem entendendo que os tonilhos
dos Sabeás são ays doces; avisos es-
pertadores da Divina Misericor-
dia: aquelle asflovir tam sentido, são
ays, & gemidos, aquelle do brar tam
futil, & acelerado, que he senam
Vx, dobrar suspiros, multiplicar as la-
Vx, Vx mentaçoes? Ay de ti (dizem os Sa-
beás là pela sua lingua, & pela sua
folsa) Ay de ti Olinda, nam eras tu
antigamente hum Lisboa peque-
na, hum Jerusalempintada, hum
Babylonia abreviada? mas por pec-
cados dos teus moradores, fos-
tes destruida, & abrazada depois
de

de vinte & quatro annos de capti-
 veiro de Olanda , nam desfazendo
 no valor dos Pernambucanos , fos-
 te milagrosamente restaurada ; &
 porque no espaço de quarenta , &
 dous annos da restauração , senam
 restaurou até agora aquella fermo-
 sura , aquella gloria , opulencia , co-
 mercio concurso , que dantes tinhas
 porque tendo o nome de Olinda , es-
 tás ainda tão feya , & atcada : digo
 com as ruinas , que ainda senão res-
 tauraraõ ; o certo he que por pecca-
 dos foste destruida , por anor dos
 mesmos peccados passados , & pre-
 zentes , nam es reedificada. Pecou Je-
 rusalem , diz Geremias , por isso ten-
 tido tantas mudanças , tantas destrui-
 ções , & castigos sem tornar ao que
 dantes era até o prezente tempo :
 não

Pecca-
 tú pec-
 cavit
 Jerus.
 prop-
 terea
 insti-
 bilis
 facta
 est.
 Thren
 1. 8.

nam menos de cinco mudanças, cinco castigos, ou pragas tem padecido Pernambuco, a guerra de Olanda, a guerra dos Palmares, primeiras hexas, segundas hexas, & mal contagioso, a fome de farinha, isto por tempos interpolados entre huma, & outra praga; porque se Deos com largo sofrimento acredita à sua misericordia, depois com rigorosos castigos acode pela sua justiça: & nesses castigos, he para reparar, que antes de ver o castigo, madrugavaõ os avisos; antes de vir o Olandez a tomar a terra, nam faltaraõ Profecias, antes de vir o mal do contagio, bem se prégou, & bem se ameaçou a terra da parte de Deos: mas Pernambuco naquelle tempo como Pharaõ duro, & temerario

mur:

Quis
est
Domi
nus ut
audiã
vocẽ
ejus?
Exod.
6. 2.

murmurava , & mofava da palavra
 de Deos ; pois por isso a terra de Per-
 nambuco foy castigada com pragas
 do Ceo , como a terra do Egypto ,
 & vendimada , de que ainda ha ra-
 biscos , como Jerufalem : tantas vidas
 vendimou o mal , que se pòde dizer
 que està o Recife vivo sobre o Reci-
 fe morto , & com ter o Recife vivo
 tantos mortos debayxo de fi , cuyda
 que por escapar daquella mortan-
 dade he immortal , vay continuando
 nos peccados , porque foy castigado ;
 & cego delles , nam se lembra da
 mortalidade do corpo , nem da im-
 mortalidade da alma , & como ainda
 reynaõ os vicios , & triumphãõ os ef-
 andalos , que provocâtaõ a ira de
 Deos , os escandalos , que nas ves-
 peras do mal andavam em carros
 triun-

Ingra-

vatum.

est cor

Phara-

onis

Exod.

7. 13.

Vinde

miavit

me ut

locu-

tus est

Domi-

nus in

die fu-

roris

fui

Thre:

1. 2.

triumphantes pelas ruas de noyte,
 como ainda ha usuras, & trapassas, ty-
 rannias com os escravos, odios com
 os proximos, restituicoens dilatadas;
 murmurações gravissimas, como a-
 ainda ha Medeas, & Circes encanta-
 doras, Ay, ay, ay, diz a mysteriosa
 Aguia do Apocalipse, sobre os
 moradores da terra, que nem com
 avisos, nem com castigos se emen-
 dam: ay que já os castigos, & as pra-
 gas sam mais que os ays: ay do Reci-
 fe, que com huma grande marê de
 agoas vivas pòde ficar debayxo do
 mar seu visinho, como ficou debaixo
 do mar vermelho o melhor do
 Egypto, ay do Recife, que como
 està sobre area, pòde ter a ruina
 que Christo diz da casa fundada so-
 bre area: ay do Recife que se pòde
 sover-

Que
 delide
 ravit
 domū
 suam
 super
 arenā,
 & fuit
 ruina
 illius
 magn^a
 Matt.
 7. 28.

soverter , como Nenive se havia de
 soverter, se os Nenivitas nam fize-
 ram a penitencia que os Recifentes
 nam fazem; mas como os ays do Ceo
 ameaçam a toda a terra, a todo o cor-
 po de Pernambuco , todos põdem
 temer que caya de todo este colloso
 presumido esta estatúa já he de Per-
 nambuco , hum vastissimo corpo ,
 tem a cabeça na Cidade ; o que lhe
 fica para tras são os cabellos ; da Ci-
 dade começa a garganta até a barra
 do Recife , que he o gorgomilho ,
 bem estreito , & perigoso ; os peitos
 fôrmaõ-se da praça do Recife , & da
 banda de Santo Antonio hum braço
 vay por Igarafu goyana , a fechar a
 mão na fortaleza de Itamaracá ; es-
 tendese o outro braço pelas Curcu-
 ranas, cabo de São Agostinho, com a
 mão

Vz vz
 vz ha
 bitan-
 tibus
 in rer-
 ra.

maõ esquerda na fortaleza de Tamandare; o ventre sam as Freguezias, & Certões de Cerinhae; & começaõ as canas atè as Alagoas, no rio de S. Francisco estaõ os pés: a este egnimatico corpo, & mystica estatua tem atirado muytas pedradas o Ceo; & com Pernambuco nestes calamitosos tempos ter descahido muyto dos seus brios, ainda nam cahio de todo, porque Deos he de tanta misericordia, que deffimulando, & esperando pela penitencia, dilata o castigo, permittindo tre-goas para se procurar a paz, ou justificando a sua ira, para dar a ultima bateria: como na estatua Per-nambucana ainda ha fantesias loucas, cegueyras incuraveis, durezas impenetraveis: quem lendo a Es-criptu-

Diffi-
mulas
pecca-
ta ho-
minu
prop-
ter
peni-
tenciam
Sap.

criptura, & reparando nos castigos
 antecedentes desta fatal terra, nam
 temerá que tenha o fim na realidade,
 que teve em sonhos a estatua de
 Nabuco? quem nam temerá que ca-
 ya toda em pezo esta Babilonia pe-
 quena, como cahio a grande? Quem
 nam temerá que venha outro fogo
 mayor que o do mal passado, que a-
 braze, & consuma a todas estas Ca-
 pitancias, como abrazou, & soverteo
 as Cidades de Pentapoli? Sabendo
 o Profeta Ezechiel, que Deos que-
 ria destruir, & aniquilar o povo de
 Israel, pediolhe a Deos com os ays,
 & eus, não extinguisse as reliquias
 de Israel. Respondeolhe Deos, que
 nam tinha lugar a sua petição, por-
 que a maldade daquelle povo era
 muyto grande: se Pernambuco he
 ain-

Cecidit
 cecidit
 Baby-
 lon.
 mag-
 na.
 Apoc.
 18. 2.
 Igitur
 Domi-
 nus
 pluit
 super
 Sodo-
 mam,
 & Go-
 mor-
 bum
 ful-
 phur
 & ignis
 à Do-
 mino
 de Ca-
 lo.
 Gen.
 19. 24
 Cla-
 mans
 aios;

heu ,
 heu ,
 heu ,
 Do-
 mine
 Deus
 ergo
 ne per
 das
 omnes
 reli-
 quias
 Israel.
 Et di-
 xit ad
 me:
 Iniqui-
 tas do-
 mus
 Israel,
 & Ju-
 da
 mag-
 na est
 nimis
 Ezech
 9.9.

ainda taõ mào como dantes, se ain-
 da persevera naquellas culpas, por-
 que foy jà castigado; quem se hade
 atrever a orar por elle? quem hade
 pedir a Deos, que se nam consumaõ
 as reliquias de Pernambuco? Sò hum
 Moysès lhe poderá valer, como va-
 leo ao mesmo povo de Israel, que-
 rendo o Deos destruir, Senhor, di-
 zia Moysès, porque haveis de des-
 truir hum povo que livrastes do ca-
 tiveyro do Egypto com tantas ma-
 ravilhas? A sombra, & à imitação de
 tam grande orador, dayme Senhor
 licença para encostar aos embargos
 de Moysès humilde, esta oração: já
 que livrastes a Pernambuco do ca-
 ptiveyro de Olanda com o vosso po-
 deroso braço; como livrastes o vos-
 so povo do captiveyro do Egypto; já
 que

q̃ Pernābuco escapou de tantos castigos por empenho da vossa misericórdia, não permitais que chegue a experimentar os ultimos rigores de vossa justiça, mādāy embainhar a espada digo retirar as settas, mādāy quebrar & abraçar todos os instrumentos dos castigos, que esta terra confessa merecer; ó cessem já, cessē os ays da Aguia com os contra ays da Rola, cō os gemidos dos arrependidos, & emendados aplaquemle os rayos do Ceo cō as cōtrições da terra, mingue-se a vossa justiça com a vossa misericórdia: se Ezechiell vos não pode obrigar a desistir do castigo das Reliquias de Israel Joel vos obrigará a que perdoeis ao povo de pernambuco, só por humarezaõ, só por huma palavra, porq̃ he vosso povo, Perdoay ao vosso povo

K

per

Dimis
tente
ut iras
catur
furor
mūs
& de-
leam
eos.
Exod.
22.
Car.
Domine
ne iras
citur
furor
tuus,
cōtra
popu-
lum
tuum
quem
eduxi-
sti de
terra
Ægy-
pti in
forti-
tudi-
nis. &

manu
rebus-
ta.

Exod.

22. 11

Arcu

côte-

ret, &

cōfin

get

arma,

& scuta

cōbu-

ret ig-

ni.

Pfal.

45. 10

Parce

Domi

ne par

ce po-

pulo

tuo.

Joel.

2. 2.

ñã

perdoay Senhor, diz o Propheta Joel,
perdoay ao vosso povo: se o povo de
Israel era vosso, por ter a vossa Fè. o
povo de Pernābuco he muyto vosso
pela valentia pela fineza, pela cōstā-
cia da fé q̄ sustentou debaixo do po-
der, & tyrannia de hereges, & Judeos;
foy taõ puro, taõ leal, & cōstante este
povo de Pernābuco na Fè Catholica,
que no espaço de vinte & quatro an-
nos de seu cativeiro, nūca a deprava-
da heresia, nem o cego judaismo lha
pode tirar, tirādolhe as terras, as fazē-
das, as vidas, & as hōras, tiranizando,
& frigindo a muytos Portuguezes;
pois hū povo como este, tão vosso
pela firmissima cōstācia da sua Chris-
tādade, naõ he bẽ (diria Moysès, se por
elle orasse) q̄ se destrua, que se ani-
quile, senaõ que se lhe perdoe, como
pede

pede Joël por ser hũ povo tão vof-
 fo: *Populo tuo*; & povo que depois q̃ o
 tendes affligido, & humilhado cõ tã-
 tos signaes, & castigos, algũa enẽda
 mostra ter, porque já se naõ fazẽ tan-
 tos homicidios: já naõ saõ taõ batatas
 as mortes violentas, & treições, cõmo
 dantes eraõ, as occasiões sēsuaes, algu-
 mas se tem evitado, a justiça he mais
 respeitada, & temida, a virtude mais
 favorecida, o vicio estranhado, a ma-
 licia reprovada, a Oração Mẽtal co-
 nhecida, & em algũas partes introdu-
 zida já para gloria vossa, & bẽ das al-
 mas, vemos os Sacramentos da Igreja
 mais frequentados, a palavra de Deos
 melhor ouvida, o culto divino muyto
 augmentado, & nessa praça do Ricife,
 õde mais se empregão as balas da vof-
 sa ira, cõpanhia mais cõbatida dos cas-

rigos do Ceo, se fazẽ muytas esmolas,
& obras pias, & sò gasta muita fazêda
no vosso serviço: pois Senhor, porq̃
naõ haõ de cessar os castigos, quando
em parte cessão as culpas? Porque haõ
de ameaçar os ays do Ceo, aos q̃ daõ
ays ao Ceo, aos q̃ daõ ays de arrepe-
didos? Porq̃ se hade destiuir, & ani-
quilar hũ povo tanto vosso, hũa ter-
ra tão leal como Portuguesa, tão fiel,
& Catholica? Se me disserem q̃ os
peccados são grãdes, mayores são os
poderes da vossa graça, como diz o
vosso Apostolo Paulo, mayores as
vossas misericordias, q̃ as vossas iras:
Pay das misericordias, & Deos de
toda a cõsolação, concedeynos que
arrepellidos, & emẽdados, possamos
cãtar, como cantou Moysès com o
vosso povo, como cantou Debora
com

DE MAREAR. 149

com Barac, Judit com os de Betulia, ^{ubi}
 as vossas misericordias, q̃ cātemos, & ^{abun-}
 choremos com os Sabeàs da praya os ^{davit}
 peccados proprios, & alheyos, par- ^{deli-}
 ticulares, & cōmunds da terra que ha- ^{ctum}
 bitamos, para q̃ livres dos ais do A- ^{super}
 pocalipse, gemendo, & chorando ^{abun-}
 neste valle de lagrimas nos mostre a ^{davit,}
 Jesu a Māy de misericordia, nos me- ^{&gra-}
 ta no Ceo a advogada dos peccado- ^{tia.}
 res, pelos merecimentos do seu San- ^{Rom.}
 tissimo Rosario. Amen. ^{5. 20.}

Acto de Contrição.

MEu Deos, & meu Senhor, Pay
 da minha alma, & Senhor do
 meu coração, a quem tão offendi, sem
 desculpa sem pejo, sem ignorancia, &
 sem temor, tão, Senhor vos tenho of-
 fendido por penlamētos, palavras, &
 obras, q̃ excede a todo o algarismo o

numero, & à variedade, & enormidade dos meus peccados, são mais que as areas, & que os atomos do Sol: pequei meu Deos de tal calidade, q̃ fiz muitas vezes da culpa gala, da offensa idolo, da torpeza costume, da perdição gosto, do peccado vida, mas quãto me peza agora, mais me peza de seres vós o offendido, do q̃ ser eu tão prejudicado, mais sinto a ingratidaõ, q̃ o castigo, mais me afflige a vossa offensa q̃ o meu inferno, & cõ todo este pezar receio q̃ mais me pese a balança das culpas, q̃ as dos pezares: alma, & coraçaõ, olhos boca, q̃ esperais? tive alma, mas que alma tive? para a entregar ao Demonio, & agora não tenho alma, nẽ consciencia para a tirar do seu poder, tive olhos para peccar, & não tenho olhos para chorar: tive boca para
as

as offensas, & não tenho lingua para remedios; tive coração para aggravar a sūma bôdade, & não tenho coração para sentir, tão enôrmes agravos. Oh Deos da minha alma, do meu coração & dos meus olhos, eu bem quizeria q̃ na polvora de minhas culpas, applicando o fogo da minha dor, estalasse este penhasco, arrebentasse esta mina; bẽ tomàra ter hum pezar, huma pena tamanha como a vossa misericordia; mas onde irei buscar fontes para os olhos, amarguras para o coração, lavatorio para a alma sennaõ no immenso mar da vossa misericordia; q̃ he Aguia que me traz a vossos pès, & a q̃ me faz reparar que tendes tâtas fontes abertas tantas entradas, & portas francas para todo o peccador, quâtas são as chagas do meu Senhor Jesu Christo, pois o coral

ral deretido de tão prezioso Sangue
ha de premetir q se cõdene hũ Chris-
taõ, q propõe com vossa graça emen-
dar a vida, confessar culpas., perdoar
aggravos, restituir; viver, & morrer na
vossa Fè? Remato Senhor o meu pe-
zar, cõ tres nõs cegos do crer, esperar,
& amar: creyo q a vossa misericordia
he mayor q toda a miseria humana, es-
pero de me salvar na morte, & paixãõ
de meu Senhor Jesu Christo: amovos
meu Deos, & S. sobre todas as cousas
porq me peza, como vòs sabeis, de vos
naõ ter amado como devia; & como
creyo em hũ Deos verdadeyro, como
espero em hũ S. tão fiel, & poderoso
como amo a hũ Pay tão pio, & amoro-
so naõ pòde faltar a sua misericordia á
minha fè, nẽ a sua promessa á minha
esperança, nem a sua graça á minha
contrição. FINIS LAUS DEO.

CA717
A635C

650

cc INNOCENTIO VIII, 302)
Feb 5/29/86

